

A person is shown from behind, in silhouette, looking out over a city at sunset. The person is wearing a dark t-shirt with the words 'CROWNING CROWN' printed on the back. The background is a hazy cityscape with buildings and a bright, glowing sky. The overall mood is contemplative and serene.

*O Preço Do
Amor -
Volume 1*

Uma obra de:

Gabi Fiore & Camille Storch

Livro 1

Capítulo 1

Essa era uma situação que eu encarava sabendo que não teria qualquer possibilidade de dar certo, mas, sinceramente, eu não era uma garota que se sentia confortável em desistir.

- Você tem que parar. – Ouvi uma voz, atrás de mim, falar - ignorei.

Os alarmes do monitor cardíaco continuavam – estava começando a perder a paciente e se eu desistisse agora, ela morreria, ou pior, aquela cirurgia teria sido em vão e aquela pessoa continuaria paraplégica.

- Antonella! – Dessa vez, reconheci a voz, era o professor, mas não ia desistir, faltava apenas um único procedimento e ela voltaria a andar, apenas uma única tentativa e pronto.

- Terminei. – Falei. – Vou fechá-la.

- Vocês, terminem. – O professor Fernando, um dos melhores cirurgiões da faculdade, falou para os outros alunos na sala e para o outro médico que coordenava a equipe, e me puxou para fora da sala de cirurgia. – O que pensa que está fazendo, Antonella?!

Encarei o alto professor, sem falar uma única palavra, apenas observava seu rosto vermelho com completa frustração.

- Ela iria morrer!

- Agora, ela pode voltar a andar. – Respondi, com desdém. Estava no meu penúltimo ano de medicina e sempre que tínhamos aula prática, todos os professores ficavam irritados comigo, principalmente o professor Fernando, que não conseguia me controlar.

- Você pode ser expulsa se continuar agindo desse jeito. Todos temos protocolos a ser seguidos....

- O meu, é conseguir o que o paciente quer. Com licença. – Saí da antessala da sala de cirurgia e fui para o meu armário no hospital, frustrada com o tratamento que os professores me davam. Eu sabia que era melhor do que eles e estes ainda me tratavam como uma idiota. Por enquanto, a única coisa a mais que eles tinham, era a droga do diploma, mas mais um ano e eu o teria também e poderia dar adeus àquelas brincadeiras de criança.

Tirei meu pijama médico cirúrgico e vesti minhas próprias roupas. Precisava ir para casa, não queria me deparar com mais ninguém, principalmente se fosse para ouvir sermão de qualquer professor, ou até mesmo aluno.

Saí do hospital quase de imediato e fui para casa. Casa... Aquela bela moradia, com um belo jardim e lindas paredes de tijolos. Para mim, tornara-se apenas uma moradia, algo frio e concreto - aquela 'casa' não era mais um lar e isso fazia falta. Dani fazia falta.

Fiquei estacionada na garagem por alguns minutos antes de tomar coragem de entrar. Não queria ver minha mãe ou meu pai, eles eram boa gente, mas aquelas paredes não eram mais as mesmas desde... Suspirei. Não fazia mais diferença, a realidade não mudaria, tudo continuaria igual. Finalmente, depois de algumas respirações, resolvi sair do meu carro.

- Pai, você está em casa? – Perguntei, para a casa vazia, e ouvi minha voz ecoar pelas paredes. – Mãe? – Ninguém. Liguei as luzes, deixei a bolsa no grande móvel de madeira da entrada e fui em direção à ampla cozinha.

Andava preguiçosamente pela casa, tirando o meu pijama cirúrgico, até chegar na cozinha para pegar um copo d'água e um sanduíche de atum, para levar ao meu quarto. Subi as grandes escadas de madeira e parei por um momento no corredor. Foi naquele momento que ouvi um estranho barulho vindo do quarto do meu irmão, que deveria estar completamente vazio; apoiei minha comida em um dos moveis, ao lado do vaso recheado de flores, e quando vi, no quarto de Dani, um homem alto, com roupas casuais, observando o quarto, fiquei em estado de pânico.

- O que pensa que está fazendo aqui? – Exigi saber, arrancando o porta-retratos de sua mão e colocando-o de volta no lugar. – Saia daqui! – Exigi, quase histérica.

- Calma, eu não sabia que não podia entrar aqui.... – O homem defendeu-se, fitando-me com seus grandes olhos verdes. – Estava apenas esperando a dona Vera para....

- Não interessa. Saia! – Gritei, empurrando o homem para fora do quarto do meu irmão.

- Mas que gritaria toda essa?! – Minha mãe apareceu, com sua larga camisola branca, em frente ao quarto do meu irmão, surpresa de estarmos saindo dele. – Antonella, por que estava no quarto do seu irmão?

- Estava tirando esse dito-cujo de lá! – Me defendi. – Não se atreva a me dizer....

- Olha, Benjamin esse quarto é do meu filho.... – Minha mãe tentou parecer simpática com o estranho, me ignorando por completo. Um dia, aquela mulher havia sido uma boa mãe, mas a morte de Dani havia afetado a todos naquela casa, principalmente minha mãe.

- Sinto muito senhora, não foi minha intenção.

- Por que não espera no escritório, meu marido já deve estar chegando.

Escritório? Papai conhecia aquele garoto que havia invadido a nossa casa? Encarei minha mãe com completa descrença, por tratar o estranho com tanto apreço.

- Não me olhe dessa maneira, aquele é Benjamin, trabalha na firma do seu pai, se viesse mais para casa, saberia. – Minha mãe imediatamente me acusou e machucou. A verdade é que eu não gostava de ficar em casa, só voltava quando eu realmente não aguentava mais dormir no hospital, ou em hotéis. Odiava ficar naquela casa, onde as lembranças eram tão doloridas.

- Claro que ele pode entrar no quarto de Dani, não é mesmo?

- Não comece Antonella; vá tomar um banho que ainda consigo sentir o cheiro do hospital. Sabe que, como médica mulher, você tem que tomar um banho no hospital e um assim que chega, para não atrair doenças, te ensinei isso desde pequena.

Encarei o intruso, furiosa. Claro que dona Vera havia me ensinado desde pequena, afinal, era o que ela fazia. Quando eu era criança, ela brincava comigo de boneca, para me explicar as coisas, usando um tom ameno e doce, fazendo com que eu desejasse ser uma médica, igual a ela. Agora, sempre me acusava, como se tudo que eu fizesse fosse errado, fazendo com que eu questionasse sempre o porquê de me esforçar tanto na faculdade de medicina. Isso me fazia acreditar que minha mãe preferia que fosse eu quem tivesse morrido, há quase dois anos atrás ao invés do meu irmão - e deveria ter sido.

- Já estava indo, até eu ver esse filho da...

- Antonella, olha a boca! – Minha mãe gritou, furiosa, e eu bufei, saí de perto, peguei meu sanduiche e fui para o meu quarto, do outro lado do corredor.

Ali, era meu refúgio, um amplo quarto branco, com uma escrivaninha, um notebook e coberto de prateleiras com livros, todos separados por gênero. A maioria dos meus livros era de medicina, obviamente. Desde que eu entrara na faculdade, tivera que colocar alguns dos meus romances favoritos na sala, para conseguir ter espaço para os livros de estudo, mas tinha um livro que eu sempre deixava na cabeceira da minha cama, ‘Guerra e Paz’, de Tólstoi. No começo, eu detestava aquele livro, mas desde a morte de Dani eu havia começado a lê-lo com outros olhos.

Sentei-me na cama, dei uma mordida no meu sanduiche e voltei a folhear o livro, como sempre fazia, e parei na única frase que eu havia grifado, logo após a morte do meu irmão.

“Um passo para além daquela linha que lembra a que separa os vivos dos mortos e eis-nos no mundo desconhecido do sofrimento e da morte. E lá adiante que é que está? Lá adiante, para além deste campo e desta árvore e daquele telhado iluminado pelos raios do Sol? Ninguém sabe e ninguém o deseja saber. Toda a gente tem medo de transpor aquela linha e ao mesmo tempo há como que uma tentação de o fazer; e o certo é que todos sabem que mais tarde ou mais cedo haverá que a transpor e que conhecer o que lá existe, do outro lado da linha, exatamente como é inevitável virmos a saber o que fica do outro lado da morte. E, no entanto, todos nós nos sentimos fortes, saudáveis, cheios de vida.”

A verdade é que mesmo a minha interpretação para esse trecho do livro não ser a mesma para o autor do livro, esse texto havia me dado um pouco de consolo, quando meu irmão havia morrido. Não sabia porque, mas aquela frase me fazia sentir humana e até mesmo esperançosa, de que algum dia eu veria Dani novamente. Suspirei algumas vezes, relendo as frases diversas vezes, lembrando do meu irmão e melhor amigo, até as lágrimas, que sempre ameaçavam cair de meu rosto, começassem a cair; mas logo fechei o livro e limpei as lágrimas. Recusava-me a chorar. Dani jamais me perdoaria se eu chorasse - nós sempre brincávamos, que se um de nós morresse, não era para ficar triste, era para o outro aproveitar a vida no lugar de quem estava enterrado, mas nunca imaginávamos que isso aconteceria. Era para irmos sempre a festas juntos, nunca sozinhos, nós nunca nos largávamos, eu não sabia ficar sozinha. Nascemos juntos e morreríamos juntos.

Para me distrair, liguei a TV pendurada na minha parede e comecei a comer meu sanduiche. Não podia ficar aprofundando meus pensamentos em tristezas, iria me formar em Medicina, sair daquela casa e ser a pessoa que havia prometido a Dani que seria. Em meio às minhas mordidas, ao assistir à jornalista do Jornal falar sobre o terrível indicie de criminalidade que estava crescendo nos últimos anos no Rio de Janeiro, ouvi uma gargalhada alta, que me deixou em completo choque. Fazia anos que não ouvia aquela risada. Abri a porta do meu quarto, timidamente, e foi quando vi meu pai, sorrindo de orelha a orelha, animado, passando seu braço pelos ombros do homem alto, que sorria também, mas ainda um pouco contido, diante da reação íntima de meu pai, enquanto eles caminhavam pelo corredor. Uma estranha sensação tomou conta de mim, uma felicidade com uma mistura de tristeza, meu pai fazia exatamente a mesma coisa quando Dani falava algo brilhante, sobre direito ou qualquer outro assunto.

- Antonella! – Meu pai veio, animado, ao perceber que eu estava com a porta semiaberta de meu quarto. Fazia anos que ele não me chamava com felicidade, para alguma coisa, nem mesmo nos aniversários. – Benjamin conseguiu abrir uma brecha, em uma lei de mapeamento que o nosso cliente estava precisando, e nem precisou de uma equipe para ajudá-lo, ele é um gênio...

Concordei com a cabeça, sem falar nada, apenas troquei um breve olhar com o homem ao lado de meu pai.

- Ele realmente é fantástico! Você tem futuro garoto, em qualquer linha que queira seguir.

- Obrigado, senhor. – Benjamin agradeceu, timidamente.

- Pode me chamar de Marcos, por favor. – Meu pai falou, entusiasmado, ao colocar os documentos novamente em uma pasta. – Anty, se eu te falasse a sorte que tive, de encontrar Benjamin na recepção do prédio do meu escritório....

Meu pai sorria, ao me contar a história de como ele encontrou Benjamin, na recepção do prédio, ali só para entregar alguns documentos, como motoboy. Papai carregava uma papelada, nada importante, mas Benjamin conseguiu reparar nesses papéis, que meu pai havia apoiado no balcão da recepção, para falar com a recepcionista e acabou pedindo uma chance para trabalhar no seu escritório, há quase três semanas atrás. Desde então, meu pai não parecia ter se arrependido. Só não sabia como eu não havia notado, se bem que não tinha como, não com os tantos plantões que estava fazendo e me enfurnando cada vez mais na faculdade, para não ter que ficar em casa. Assim que conseguisse ter meu próprio dinheiro, sairia daquela casa.

- Bom, senhor....

- Marcos.

- Marcos. – Benjamin logo se corrigiu. – Acho melhor eu ir, está ficando tarde e minha mãe pode ficar preocupada.

- Claro, claro, desculpe por isso. – Meu pai se afastou de Benjamin, com o rosto completamente iluminado. – Realmente, não me arrependi de tê-lo contratado. Acho que você vai tão longe em direito quanto minha filha irá longe em medicina. - Meu pai riu e eu revirei os olhos; ele nunca havia abandonado completamente a família, mas desde a morte de Dani, ele parecia ter esquecido o que era viver e o que era ter contato com outras pessoas. Ficou um pouco como eu, apenas sobrevivendo cada dia, então fiquei um tanto quanto feliz, de receber aquele elogio indireto dele. Isso, porém, não tirava minha preocupação de que, no final, ele poderia se machucar, por suas próprias ações, ao considerar um estranho como substituto para Dani; porque era isso que ele, e até mesmo mamãe, estavam fazendo, mesmo que não reparassem. – Anty, por que não acompanha nosso convidado até a porta? Por favor, eu ainda preciso tomar um banho e trocar de roupa.

Encarei meu pai irritada e ele simplesmente me desarmou, com seu sorriso que há muito tempo eu não via, então eu tive que obedecer.

Meu pai despediu-se novamente de Benjamin e foi para seu quarto, ao lado do quarto da minha mãe - meus pais já não dormiam mais no mesmo quarto. A morte realmente destruía as pessoas.

- Queria me desculpar, por ter ido ao quarto do seu irmão, mais cedo - eu não pretendia causar qualquer mal-estar para você.

Nem respondi para esse homem, que andava atrás de mim - continuei em silêncio, até finalmente chegarmos na porta de entrada e eu lhe dar passagem – ele precisava, pelo menos, o dobro de espaço do que eu, para sair.

- Não vai falar comigo? – Ele perguntou.

- Não tenho nada para falar. – Rebatu e o homem suspirou.

- Obrigado, mesmo assim. – Falou educadamente e eu apenas assenti com a cabeça.

Fiquei em silêncio.

- Sei que eu cometi um erro, mas não pode me perdoar? Não sou nenhum monstro e parece que eu vou continuar a vir aqui com frequência, será que não podemos nos tratar como pessoas normais?

- Estou apenas cansada e não tenho nada contra você, então, por favor...

– Falei, secamente dessa vez, indicando a porta.

- Talvez não queira falar agora, mas não acho que você seja fria, como sua mãe me comentou que seria, na semana passada... – O homem estava adiando a saída e eu não estava a fim de fazer ‘sala’ para ninguém.

- Muito obrigada, agora, vou dormir mais tranquila. – Falei, sarcasticamente e ele abriu um belo sorriso.

- Você deve ser uma médica e tanto, com esse nível de tato com as pessoas. – Ele riu ao ver minha cara e eu suspirei, cansada, me apoiando na porta ainda aberta.

- Em primeiro lugar, ainda não sou médica, em segundo, isso não é assunto seu; agora, se me fizer o favor de sair... pois eu ainda não tomei meu segundo banho. – Insisti, com uma voz de puro desdém, como se eu fosse a pessoa mais fútil do mundo.

- Tudo bem, sem problemas. Até a próxima Anty. – Benjamin, o homem que parecia que havia cativado meus pais, para substituir meu irmão, falou, sorrindo, para me provocar, como se fossemos duas crianças de 10 anos. Sem responder, fechei a porta no momento em que ele saiu, e suspirei. Não tinha nada contra aquele homem em particular, mas ele me irritava, pelo simples fato de que eu não conseguia aceitar que um estranho conseguisse cativar a minha família, a ponto de quase esquecerem o meu irmão. Era como se meus pais estivessem prontos para substituir Dani e isso eu não iria deixar. Nunca!

Capítulo 2

Não estava com muita vontade de ir, mas quem iria, se eu não fosse? Meu pai nunca ia para aquele lugar, minha mãe, preferia esquecer. Já eu parecia ser uma idiota indo todo final de semana e passando quase o dia inteiro naquele lugar, esperando que Dani saísse daquele maldito túmulo, mas isso não iria acontecer. Nunca veria Dani novamente, essa era a verdade e eu era a culpada.

Olhei a foto do meu irmão, sorrindo, no centro da lápide; era a foto que havíamos tirado para comemorar minha entrada na faculdade de medicina e ele na faculdade de direito. Ele estava orgulhoso de si mesmo, papai e mamãe nos olhavam com a maior felicidade, cheios de esperança para o futuro. Tínhamos tudo ao nosso alcance.

- Olá, Dani. – Cumprimentei a lápide, enquanto deitava o buquê de flores sortidas sobre a pedra fria. Meu irmão não tinha flores preferidas, então sempre levava todas as flores, para ele ficar satisfeito, mas eu sabia que o que ele gostaria mesmo era de uma boa cerveja. – Papai e mamãe não são mais os mesmos. – Comentei, ao me sentar ao seu lado. – Eu não sou mais a mesma - logo vou ser uma médica, com meu próprio CRM. Você provavelmente estaria se preparando para a OAB e finalmente seríamos os irmãos que tinham tudo... – Parei de falar por um breve momento e sequei novamente as lágrimas, que ameaçavam cair. – Desculpa, Dani, realmente sinto muito, se não fosse por mim...

Engoli seco e me levantei, despedi-me de meu 'irmão' e voltei para meu carro. Não podia ainda voltar para casa, não com minha mãe, que provavelmente estaria bebendo e com meu pai, que, com certeza, estaria sentado no escritório, em pleno sábado. Resolvi fazer o que sempre fazia, quando não tinha lugar para onde ir: fui à Livraria da Travessa, no Shopping Leblon e imediatamente comecei a vagar pelos inúmeros livros. Abri quase todos os livros da livraria, procurando por algo que me fizesse fugir da minha realidade. Passava por livros históricos, por livros dramáticos e até mesmo livros infantis, mas nenhum conseguia me fazer esquecer. Pareciam todos apenas histórias, distrações, algumas até interessantes, mas nada que me fizesse fugir. Sem contar que a maioria dos títulos eu tinha em casa, então, não fazia a menor diferença se eu fosse levá-los ou não.

Acabei pegando dois livros, que haviam sido considerados Best Sellers: "Dezesseis" e "E se"; não havia lido ainda nenhum dos dois e não sabia se acharia interessante, mas, sinceramente, eu precisava fazer algo para esporear minha cabeça, porque nem mesmo ser ousada nas cirurgias me ajudava mais.

Sentei-me no café da livraria e comecei a folhar as primeiras páginas do livro "Dezesseis" - logo percebi que não era muito o meu tipo de leitura, mais para adolescentes, mas não quis desistir da leitura, por algum motivo, conseguia me identificar com o fato de eu ser apenas mais uma na multidão, mesmo sabendo de todas as minhas aptidões.

Fiquei sentada na pequena cadeira escura, sem me importar com o tempo, sempre desmarcava qualquer compromisso que poderia ter de sábado, mas no meio da minha leitura, e dos pequenos goles no meu café, meu celular começou a apitar irritantemente. Tentei ignorar nos primeiros minutos, deixando no silencioso, até que não consegui mais me concentrar no livro. Não havia retorno, após essa interrupção.

Peguei o celular e vi a primeira mensagem, era da minha mãe:

“Venha para casa, agora!”

A segunda também era dela:

“Antonella, você não sabe o que está acontecendo”

E a terceira, que surpresa, também era da minha mãe:

“Você tem 10 minutos para aparecer”.

Suspirei, não estava muito preocupada com as mensagens da minha mãe, ela era geralmente extremamente dramática e a maioria das vezes a sua dramaticidade havia me feito ir a jantares e eventos que eu simplesmente não queria ir; então, aquelas mensagens nada mais eram do que intimações para que eu fosse para algum evento, ou jantar, do hospital na qual minha mãe era a diretora. Tomei o meu tempo para fechar os livros, pagar o meu café e os livros e voltar para casa, como uma verdadeira tartaruga.

Sabia que minha mãe não ficaria feliz com minha demora e muito menos de me ver com o mesmo vestido preto, que eu havia usado no dia do velório de meu irmão; não me importei, achei que tinha o direito de usar o que eu quisesse e demorar o quanto eu quisesse, depois de ter comparecido a tantos eventos.

- Que roupas são essas? – Minha mãe logo perguntou, ao me ver entrar pela porta, antes mesmo de eu conseguir tirar a chave da fechadura, mas, mais do que isso, a minha surpresa foi o fato dela não estar usando nenhuma de suas melhores roupas de festa e ainda não ter um único vestígio de maquiagem no seu rosto.

Ela parecia mais abalada do que frustrada comigo, o que era um bônus para mim, não teria de ouvi-la no caminho para onde quer que iríamos.

- Roupas. – Respondi, com desdém, sem conseguir controlar minha maldita boca, mesmo ao ver minha mãe extremamente abatida e pálida.

- Que seja, vamos. – Ela falou, puxando-me pelo pulso e eu logo me soltei. – Agora não é hora, Antonella! – Ela havia ficado furiosa com minha rebeldia. Sim, eu ainda parecia uma adolescente, quando o assunto era minha mãe.

- Hora para que? – Perguntei, frustrada.

- Seu pai teve um desmaio e está no hospital....

Minha mãe não precisou falar mais uma única palavra, quase me joguei novamente no carro e comecei a dirigir pelas ruas do Rio de Janeiro, como uma louca, ignorando sinais vermelhos e ignorando o limite de velocidade. O percurso, que demoraria quinze minutos de carro, surpreendentemente foi feito em sete. Parei o carro de qualquer jeito em frente ao hospital e corri para a recepção.

- Onde meu pai está? – Perguntei, igual a uma idiota, para a mulher da recepção, que apenas me encarou, confusa.

- Primeiro, preciso que se identifiquem. – A recepcionista falou como se estivesse em câmera lenta.

- Isso não é....

- Não posso deixá-las passar, independentemente de quem vieram ver. – A mulher baixa e chata da recepção falou.

- Aqui. – Respondi, quase jogando minha carta de motorista no rosto da atendente. – Viemos saber sobre Marcos Maciel Ferreira, meu pai. – Falei, com descaso.

A menina da recepção começou a digitar os números como uma lesma; sabia que era eu quem estava acelerada, mesmo assim, ela já deveria ter

achado nosso cadastro – afinal, eu e minha mãe já havíamos ido para aquele hospital. Voltar para aquele lugar me trazia tristes e dolorosas recordações.

Depois de quase cinco minutos, a recepcionista finalmente falou:

- Quarto 1112...

Antes mesmo da mulher terminar de falar, peguei o crachá na entrada e corri para os elevadores. Por que tudo naquele momento estava parecendo demorar tanto? Depois do elevador finalmente chegar, e da minha mãe caminhar até mim da recepção, fomos para o andar do quarto de meu pai. Meu coração estava acelerado, sentia todo meu corpo suar frio, não podia aceitar que outra pessoa da família morresse. Caminhei pelo corredor branco, às pressas, sabendo que eu precisaria resolver aquela situação - nada iria acontecer com as pessoas que estavam sob os meus cuidados.

- Entra logo, Antonella. – Minha mãe falou, ao abrir a porta.

Voei para dentro do quarto dele.

Assim que entrei, um alívio tomou conta de mim, ao ouvir a risada do meu pai ecoando pelo amplo quarto branco. Ele estava deitado, rindo, surpreendentemente com o tal de Benjamin ao seu lado, que esboçava um meio sorriso. – Benjamin, obrigada por nos avisar. – Minha mãe logo agradeceu o homem.

- Claro. – Benjamin disse, com tranquilidade. – Vou deixá-los.

- Não precisa, meu rapaz. – Meu pai falou, sorrindo. – Pode ficar à vontade.

Antes que eu começasse um embate, por conta desse comentário, o médico, um homem baixinho, de óculos redondo, entrou no quarto, interrompendo qualquer discussão que poderíamos ter.

- Fui informado de que a família do senhor chegou. – O médico parecia simpático e atencioso, diferente dos meus professores de medicina.

- Qual o prognóstico? – Perguntei, sem querer muita enrolação.

- Não precisam ficar tão preocupados. – O médico garantiu. – Foi apenas uma fadiga, de tanto trabalhar. O senhor Marcos só precisa dormir e comer melhor.

Encarei meu pai e suspirei - era verdade, ele mal se cuidava e por mais que eu insistisse sobre esses dois fatores, ele não dava ouvidos ao que eu tinha para dizer. Talvez, com um médico já diplomado discursando, ele decidisse levar sua saúde mais a sério.

- Não teve nenhum agravante no quadro de saúde do meu pai, não é? – Perguntei, ainda preocupada.

- Não se preocupe minha jovem, ele só precisa de descanso. – O médico falou, gentilmente. – Provavelmente, será liberado no final da tarde.

Suspirei, aliviada, e me sentei na poltrona cinza clara, ao lado da cama do meu pai.

- Bom, não foi para tanto, apenas um pequeno susto. – Meu pai tentou amenizar a situação, mas minha mãe e eu o encaramos, irritadas.

- Benjamin, será que você pode me fazer o favor de acompanhar minha filha até a cafeteria do hospital? – Minha mãe pediu, encarando meu pai com seriedade. – Querida pode falar com meu marido.

- Jura mãe, eu estou bem do seu lado! – Falei, irritada. – Mas tudo bem, eu já vou. – Peguei minha carteira de dentro da minha bolsa e saí do quarto do hospital, frustrada com minha mãe, ela me tratava igual à uma criança - me tratava daquele jeito desde a morte de Dani. Nem quando eu era criança ela agia

assim comigo. Minha família realmente havia desmoronado, desde a morte do meu irmão.

Comecei a andar pelo corredor, acompanhada por Benjamin, tentando de todas as maneiras manter a dianteira, como uma criança de dez anos, mas era difícil conseguir ficar na frente, principalmente porque eu estava de salto e ele tinha pernas muito mais compridas do que as minhas. Ele teimava em ficar ao meu lado, e eu, insistia no silêncio.

- Você não precisa vir comigo.

- Sua mãe pediu.

- Desde quando virou minha babá? – Questionei, já na frente do elevador.

- Sua mãe apenas está preocupada com você...

Revirei os olhos e voltei a apertar o botão do elevador, com força dessa vez, porque isso sim faria muita diferença, ironizei. Frustrada, entrei. Não estava satisfeita de estar no hospital, naquelas circunstâncias. As lembranças voltavam, querendo ou não. Tristes e pesadas, as recordações começavam a gritar na minha cabeça. Ainda lembrava de como meu irmão havia morrido, eu tinha o sangue dele em minhas mãos, eu havia feito de tudo para salvá-lo e, mesmo assim, não havia sido suficiente.

Quando as portas do elevador se fecharam, um pequeno calafrio tomou conta de mim, sempre tomava. Ficar em lugares fechados, principalmente elevadores, mesmo esse, com visão panorâmica, não era meu forte. Encostei, como sempre, perto da grande janela, para encarar a paisagem e não me sentir tão fechada. Desde a morte de Dani, não conseguia aguentar muito tempo lugares sem saída, afinal, ele havia morrido em um.

Fiquei de braços cruzados, esperando, com todo meu corpo inquieto e impaciente, até que o elevador chegasse no primeiro andar.

- Você está bem? – Benjamin me perguntou. Ele estava sendo educado, mas ignorei, sentia meu corpo suar frio – eu precisava que o elevador chegasse logo até o primeiro andar. De repente, em meio ao meu começo de ataque de pânico, um pequeno tranco me desequilibrou, o suficiente para me soltar do sapato, e antes que sentisse o chão frio do elevador, as mãos grandes de Benjamin me seguraram. Ele me encarou diretamente, com seus olhos incrivelmente profundos. – Você está bem? – Ele voltou a repetir, mas não consegui responder, meu corpo, minha mente e meus olhos logo notaram a paisagem da grande janela do elevador, agora estacionada. Não estávamos nos mexendo. Estávamos presos. – Parece que estamos presos aqui.... -

Benjamin comentou, calmamente, como se estivesse se divertindo com a situação.

- Não, não podemos estar presos aqui... – Comecei a bater na porta do elevador, desesperada, tentando fazer alguém nos ouvir, mas parecia que o elevador havia parado de funcionar por completo. Como isso era possível? O gerador deveria estar funcionando, em um hospital daquele tamanho.

- Isso não vai ajudar em nada, princesa. – Benjamin resolveu dar um de piadista para cima mim – na hora, eu o encarei, enraivecida. – Parece que teve uma falha mecânica o elevador.

- É mesmo!? - Bufei.

- Só estou tentando...

- Você não está entendendo, eu preciso sair daqui... – Estava ficando sem ar e o ataque de pânico começava a ficar ainda mais forte; senti Benjamin me segurar, me impedindo de cair no chão.

- Alô, vocês estão escutando? – De repente, uma voz surgiu no elevador, deveria ser da equipe técnica do hospital.

Por um breve momento, me senti levemente mais calma, pelo menos alguém sabia que estávamos presos, tentei responder ao interfone, mas meu corpo não conseguia se movimentar; se eu não estivesse apoiada em Benjamin, minhas pernas teriam cedido.

- Pode falar. – Benjamin apertou o botão do interfone, recusando-se a me soltar, seu braço era quente comparado com meu corpo gelado e por um momento agradei por não estar sozinha.

- Desculpem o transtorno, houve uma pequena falha na mecânica no elevador, mas logo vamos resolver o problema, os técnicos já estão tentando resolver o problema.

- Apenas façam rápido. – Benjamin exigiu para a voz do elevador e me segurou pelos meus ombros, me fazendo encará-lo, como se soubesse o que estava acontecendo comigo, como se soubesse que o ar estava desaparecendo de meus pulmões e minha visão aos poucos começava a ficar embaçada. – Se segura aí princesa. – Benjamin me segurou com ainda mais força percebendo que eu começava a ceder a minha paranoia de ficar trancada em um lugar fechado. – Olhe para mim, se concentre nos meus olhos. – De início não o encarei, mas Benjamin segurou meu queixo, obrigando-me a olhar seus profundos e grandes olhos verdes. Ele estava sério e transparecendo uma enorme tranquilidade, nunca havia visto isso no olhar de ninguém. Aos poucos a memória da porta da ambulância se fechando, meu irmão deitado na maca a minha frente a caminho do hospital, havia sido trancada naquela pequena ambulância, com os gemidos do meu irmão. – Vamos lá princesinha comece a respirar. Comece a contar, 1, 2...

Aos poucos comecei a fazer como Benjamin me falava, era ridículo eu como uma quase médica ter aqueles ataques de pânico sem conseguir controlá-los, eu sabia o que e o porquê dos meus ataques e mesmo eu tentando me acalmar quando eu sentia os sintomas vinham eu raramente conseguia me acalmar sozinha ou melhor eu conseguia, mas meus sintomas só passavam depois que desmaiaava por alguns segundos, porque sinceramente jamais falei dos meus ataques de pânico para ninguém, nem mesmo para meu pai. A minha vantagem é que só acontecia em lugares fechados, então era mais fácil de esconder, mas agora a pessoa que eu não queria que soubesse nada de mim, me ajudava a me acalmar. Realmente eu sabia ser ridícula.

- Está melhorando, Antonella? – Perguntou Benjamin parecendo genuinamente preocupado.

Pouco a pouco minha respiração foi se acalmando e se normalizando, a imagem do meu irmão, convulsando na minha frente, na ambulância, aos poucos começava a ficar mais distante da minha memória. Quando finalmente começava a me acalmar, com Benjamin me segurando o tempo inteiro em seus braços e seus olhos me encarando, o elevador voltou a funcionar.

- Desculpem o transtorno. – A voz do interfone falou, me trazendo de volta para a realidade. Afastei-me de Benjamin, abruptamente - por um momento, havia esquecido onde eu estava e com quem. Não podia me sentir bem com ele, não quando meus pais pareciam gostar tanto dele, a ponto de diluir a memória de Dani.

Quando a porta do elevador finalmente abriu-se, no 1º andar, atropeliei algumas pessoas, para tentar fugir do homem, que andava a alguns passos atrás

de mim. A verdade é que eu não sabia aonde iria, mas qualquer coisa seria melhor do que tentar explicar, para aquele homem, o que havia se passado no elevador.

- Por que está tão nervosa, princesa? – Benjamin perguntou, me alcançando, enquanto eu entrava na fila do café, sem saber realmente para onde ir.

- Não estou nervosa. – Rebatí.

- Tem razão, isso é o normal para você. – O cara sabia fazer brincadeiras inconvenientes. – Não precisa me olhar desse jeito. – Falou, rindo e eu revirei os olhos.

- O que deseja? – A mulher do caixa perguntou.

- Apenas um café. – Pedi.

- Faça dois e dois pães de queijo. – Benjamin interferiu, abrindo a carteira e pagando, antes mesmo de eu conseguir protestar. – Você, princesa, vai se sentar, enquanto eu pego as coisas.

Desisti, já não dava mais para competir, estava cansada e frustrada demais para conseguir discutir com ele. Obedeci e acabei me sentando em uma das pequenas mesas do café, enquanto ele se afastava para pegar as comidas.

Não gostava de hospital, essa era a verdade. Não tinha a menor vontade de ficar lá, mas também, quem tinha? Dei risada comigo mesma, uma médica que não suportava hospitais, eu realmente tinha um charme. Mas se tinha uma coisa que me motivava, era ser a melhor médica que alguém poderia precisar, não deixaria nenhuma família passar pelo que eu passei.

- Posso saber a piada? – Benjamin sentou-se na minha frente, com a pequena bandeja.

- Só porque você me ajudou no elevador não quer dizer que agora a gente precise se dar bem. – Alertei o homem, que ajeitava o pedido, para que a bandeja não ocupasse todo o espaço na pequena mesa. E, pensando bem, eu tinha sorrido comigo mesma.

- Nunca sonharia com isso. – Continuou, com seu tom tranquilo e zombeteiro. – Mas pelo menos agora você está falando comigo e não apenas me dando ordens.

- Eu não te dei uma única ordem.

- Não? – Ele falou, dando uma mordida no seu pão de queijo. – Se me lembro bem, primeiro, você me expulsou do quarto do seu irmão, em seguida, da sua casa e, agora, tenho certeza que quer me expulsar do hospital.

Bufei e virei a cara. No fundo, sabia que ele tinha razão, eu tinha bons motivos para fazer isso, afinal, meus pais haviam enlouquecido por gostar tanto dele e Dani iria ficar... Parei por um momento, Dani não ficaria bravo, ele provavelmente tentaria se entender com Benjamin, essa era a verdade. Os dois, provavelmente, se tornariam melhores amigos; não queria admitir, mas ambos tinham, como traço de personalidade, a tranquilidade. Dani também não saía do sério tão facilmente, na realidade, eu podia contar nos dedos as vezes que ele havia ficado nervoso.

- O que foi, princesa?

- Nada... – Respondi, com tristeza. – Apenas me responda uma coisa, por que aceita tudo o que meu pai te pede para fazer?

- O que quer dizer?

- Como trabalhar de sábado, vir na casa dele nas altas horas da noite, essas coisas. Quer tanto assim trabalhar na firma do meu pai? – Perguntei, curiosa.

- Faço Direito, não é normal querer trabalhar na melhor firma do Brasil?

Fiquei em silêncio. Era raro ver meu pai contratando advogados tão jovens - o mais jovem que havia entrado na empresa, já tinha tido pelo menos experiência em algumas outras firmas. Meu pai, geralmente, precisava ver o que a pessoa era capaz de fazer, ele nunca havia tido paciência de ensinar ou 'apostar' em sangue novo. Ainda me lembrava dos estagiários, sempre acabavam desistindo, porque meu pai delegava mais trabalho do que qualquer um pudesse aguentar. Ele fez o mesmo com Benjamin, mas o homem na minha frente não parecia se importar e meu pai não era tão rápido na hora de dispensar as ideias do novo 'estagiário'. Ele nem ouvia Dani tanto assim, nos casos. Se bem que, quando Dani morreu, ele ainda estava no 2º ano de direito.

- Acho que você tem razão. – Respondi, dando de ombros e tomando um gole de café.

- E você, para qual hospital você quer ir?

- Nenhum específico.

- Você é mais boazinha do que aparenta. – Ele comentou e eu o encarei, sem entender, mas ele apenas sorriu e tomou seu café. – Agora que eu respondi uma pergunta sua, você pode me responder uma coisa?

- Já respondi uma coisa. – Provoquei-o.

- Tudo bem, uma segunda coisa?

Dei de ombros.

- Seu irmão, como ele era?

A pergunta foi uma surpresa, jamais pensei que ele perguntaria do meu irmão, mas imediatamente a pergunta me fez abrir um sorriso inesperado.

- Se ele te faz sorrir assim, deve ter sido um bom irmão.

- Ele foi o melhor. – Respondi. – Por que a pergunta?

- Seu colar está aberto. – Apertei o meu colar, havia esquecido dele por um momento, era o colar que eu sempre usava, com a foto de Dani no meu pescoço, para senti-lo perto de mim. – Queria saber o que um irmão tem que fazer para ser tão amado pela irmã birrenta.

- Ele me deu a vida. – Respondi, com simplicidade, sabendo que não faria o menor sentido para ele. Fechei o pingente e senti as lágrimas brotarem no meu rosto.

- Aqui. – Benjamin me ofereceu um pequeno guardanapo, para secar as lágrimas. – Desculpe a pergunta, princesa.

- Obrigada por salvar meu pai. – Falei, por fim.

- Sempre que precisar. Agora, vamos comer e voltar, para você ficar com seu pai.

Dei um leve sorriso e acabei comendo todo o pão de queijo, junto com Benjamin, com quem acabei conversando boa parte do tempo em que fiquei no hospital. No final, tive que admitir, aquele homem alto, de cabelos pretos, era uma companhia razoável.

Capítulo 3

Depois que meu pai havia saído do hospital, comecei a levá-lo todo dia para o escritório e buscá-lo. Apesar dos meus horários loucos da faculdade, eu achava o tempo para essa tarefa – não deixaria meu pai morrer de cansaço, me recusava a perder qualquer outra pessoa da minha família. Ele insistia que podia ir com o motorista, mas eu não o deixaria mais sair na hora que bem entendesse do trabalho; se ele não queria tirar uns dias de descanso, que voltasse a uma hora normal para casa.

- Mas esse é um dos maiores casos da firma! – Meu pai insistiu.

- Não me interessa, vamos para casa e você vai deixar o caso aí! – Falei pegando o pendrive da mão dele, não iria aceitar que ele levasse aquele trabalho para casa, ele precisava de repouso.

- Eu sei que quer cuidar de mim, Anty, mas eu sinceramente estou bem.

- Não faz nem uma semana que o senhor desmaiou de fadiga.

Ele me encarou, contrariado.

- Benjamin, me ajuda aqui. – Ele apelou.

Virei-me para o homem alto, de olhos verdes que encarava a cena com um sorriso.

- Dessa vez, como todas as outras vezes, o senhor está sozinho nesse barco. – O homem respondeu, e eu fiquei aliviada; sempre sentia um pequeno frio na barriga quando meu pai pedia para Benjamin ajudá-lo a ficar na firma, com medo que ele concordasse com meu pai - afinal, era o chefe dele. – Já sei, eu posso ficar com os documentos e depois do meu trabalho posso dar uma olhada para o senhor e qualquer coisa ligo...

Meu pai fez sua posição de 'derrotado'.

- Com vocês dois não tem como competir. – Suspirou. – Não vou te dar mais trabalho hoje, todo mundo dessa sala pode ir embora. – Suspirei, aliviada. – Vou apenas pegar uma coisa com a Cátia, esperem apenas alguns minutos.

Meu pai levantou-se da cadeira e saiu da sua enorme sala. Sentei-me em um dos sofás pretos, completamente esgotada; era sempre uma briga tirar meu pai do escritório e mesmo custando a admitir, ter Benjamin ajudava, para colocar bom senso nele.

- O senhor Marcos realmente é teimoso.

- Teimoso é pouco. – Respondi.

- O que está lendo? – Benjamin perguntou, ao me ver sentar no sofá do escritório e pegar o livro na minha bolsa, enquanto esperava. Minhas conversas, de insuportáveis, com Benjamin, agora começavam a ficar levemente cordiais, desde a ida de meu pai ao hospital.

- “Dezesseis”. – Respondi, com um suspiro. – Já leu?

Ele deu risada e eu ri junto; não tinha como um homem gostar daquele tipo de livro, não sabia nem como eu estava gostando, mas distraia um pouco a cabeça.

- Do que você gosta de ler?

- Eu, ler? – Ele riu ainda mais alto. – Você não me conhece em nada, princesinha.

- Você não gosta de ler? – Perguntei chocada, me curvando para frente e fechando o livro. – Você está fazendo direito, você tem que ler e muito!

- Curiosa? – Ele perguntou maliciosamente e eu percebendo o meu descontrole, por um breve momento, logo voltei a me apoiar no sofá, fazendo ele rir ainda mais alto.

- Não precisa responder se não quiser. – Falei, tentando conter minha curiosidade. Por que eu estava tão curiosa a respeito daquele idiota?

- Eu quero. – Ele sorriu – Realmente, eu odeio ler e direito não tem nada a ver com leitura. – Dessa vez, fui eu quem ri. – É verdade, direito você tem que decorar leis e saber usá-las a seu favor, só isso. – Fiquei completamente boquiaberta, com a simplicidade que ele descrevia as coisas.

- Mas para decorá-las você tem que ler. – Contestei-o.

- Meu D'us você é tão teimosa quanto seu pai. – Riu. – Sim, uma vez, não vou ficar pegando livro se não ganho nada com isso, é uma droga.

- Jura? Viajar por outros lugares sem ao menos sair do sofá é uma droga?

- Com certeza, para isso que foram criados os videogames. Viajar sem sair do sofá.

- O que tem de tão divertido em videogame? – Perguntei - às vezes, jogava com meu irmão, mas nunca havia visto muita graça naquilo, afinal eu sempre morria 20 vezes antes de conseguir passar por uma fase e se jogava online só recebia gritos dos outros jogadores, então não era meu entretenimento favorito.

- Quer mesmo saber? – Ele repentinamente me perguntou, com seriedade. – Saia comigo sábado à noite e eu vou te mostrar.

Quando ia responder, meu pai entrou na sala, novamente carregando consigo um pendrive; fiquei frustrada, meu pai realmente iria insistir no assunto.

- Pai...

- Isso não é para mim, Anty, você precisa aprender a parar de tirar conclusões precipitadas. Acha mesmo que se eu quisesse levar o trabalho para casa entraria com o pendrive à vista? – Ele me contestou, como um bom advogado. – Isso é para você, Benjamin, alguns casos criminais da empresa.

- Pois não, senhor Marcos.

- Esse 'senhor' tem que parar. – Meu pai falou. – Assim como esse seu trabalho de noite, onde já se viu um futuro advogado trabalhando ainda como motoboy.

- Senhor, eu ainda tenho que pagar as contas de casa. – O homem respondeu, um pouco desconcertado. Alguém que olhasse para Benjamin jamais falaria que ele tinha um emprego como motoboy, não com aquele terno que provavelmente meu pai havia dado e com os seus cabelos pretos agora totalmente arrumados, penteados para trás. Meu pai o havia transformado no perfeito advogado da sua empresa, tanto que se papai quisesse fazer uma campanha publicitária, Benjamin poderia servir de modelo. Isto é, se ele não abrisse a boca. Ele não soava de jeito nenhum como um advogado. Muito relaxado para ser um, ou eu só havia conhecido os advogados arrogantes da empresa do meu pai.

Nos despedimos de Benjamin, que subiu na sua velha moto preta e logo saiu da garagem do prédio - suspirei. Papai me olhou com um pouco de desconfiança, mas não falou nada, apenas sorriu para mim.

- Bom, vou te deixar em casa e depois tenho que ir para o hospital.

Entramos no meu SUV preto e assim que deixei meu pai em casa, meu celular apitou, era uma mensagem.

‘Peguei o seu número com seu pai, então o que me diz, quer saber a graça do vídeo game?’

Sem perceber, meu sorriso veio antes da minha surpresa, de Benjamin ter meu número e o choque de meu pai ter dado o número para ele.

‘Uma condição, você vai ter que ler um livro depois’.

Respondi sem pensar duas vezes e em menos de um minuto veio a resposta.

‘Desde que tenha menos de 20 páginas’

Respondi.

‘Menos de 50’.

A réplica desta demorou um pouco mais.

‘O seu desejo é uma ordem, princesa, vamos sair no sábado 14H eu te pego’.

Sorri, um pouco mais do que eu gostaria e fui para o hospital da faculdade. Pela primeira vez, estava calma, era como se as palavras de Benjamin tivessem tirado um pequeno peso de dentro de mim. Sabia que provavelmente não deveria estar começando a me sentir do jeito que estava me sentindo, mas eu não podia negar que Benjamin tinha carisma, difícil de resistir. Sem contar que ele havia salvado meu pai, pois se ele não estivesse no escritório, algo muito ruim poderia ter acontecido. Eu tinha que pelo menos agradecer-lo, por tê-lo salvo.

No sábado, havia acordado mais cedo que o de costume. Nesse dia, não tinha que fazer trabalhos extras para aumentar meu currículo. Não tinha a menor ideia que roupa iria usar, fiquei revirando meu armário por quase uma hora, sem sucesso, sem achar qualquer coisa decente para vestir. Já estava irritada, quando tirei o último vestido do cabide e o joguei na cama.

- Que barulho é esse, logo cedo? – Minha mãe apareceu na porta do meu quarto, com seu típico roupão branco e dourado.

- Nada. – Respondi, secamente, eu e minha mãe definitivamente não tínhamos o melhor relacionamento, depois da morte do meu irmão, mas não podia culpá-la, eu era a razão do seu filho estar morto. Como eu não aguentava aceitar seu descaso, atacava.

Ela não respondeu, apenas virou-se e voltou para seu quarto, enquanto eu, no final, acabei escolhendo um vestido branco de regata, não tinha outra coisa.

Quase como um relógio, Benjamin chegou na minha casa e fiquei satisfeita por ter acordado cedo, para escolher minha roupa. Peguei minha bolsa e saí. Benjamin estava apoiado em sua moto velha e eu logo notei - eu tinha escolhido a roupa errada.

- Meu D’us princesa, está magnífica.

- Magnificamente errada. – Completei e ele sorriu.

- Você não sabe aceitar um elogio, garota teimosa, vem sente-se de lado e se segura. – Benjamin falou, me passando um dos capacetes.

Suspirei e concordei, não iria voltar atrás agora. Ajeitei o meu vestido e, um pouco sem jeito, apoiei minhas mãos nos ombros largos dele, quando ele se sentou à minha frente.

- Se você se segurar assim, vai cair. – O homem falou, rindo e pegou minhas mãos, entrelaçando-as em sua cintura. Antes que eu conseguisse protestar, ele ligou a moto e saiu a toda velocidade. Instintivamente, apertei-me ainda mais contra o corpo de Benjamin. – Relaxa e curta o passeio! – Ele gritou, em meio ao barulho do motor da moto.

Aos poucos, a cada carro que ele entrelaçava e não batia nos espelhos retrovisores, eu relaxava, sentia o vento começar a tocar no meu corpo e em pouco tempo eu já começava a me divertir com o maluco passeio de moto. Obviamente não me soltava de Benjamin, mas com certeza se estivesse sentada direito eu já estaria sem meus braços.

Não sei para onde íamos, mas realmente era a melhor sensação que eu experimentava desde a morte de Dani. Era completamente inebriante o frio na barriga de andar naquela velocidade, de moto, e começava a entender porque as pessoas adoravam andar com aqueles veículos mortíferos. Quando acabou, foi uma mistura de decepção e alívio.

- Muito bem, princesa, chegamos. – Benjamin me alertou, porque eu ainda me segurava, próxima de suas costas. Imediatamente, afastei-me e saltei da moto. – Bom, para uma princesinha, até que você não reclamou muito.

- Foi legal. – Recusava-me a dar o braço a torcer e ele apenas sorriu. – De qualquer jeito, aonde nós... O que nós estamos fazendo no Village? – Perguntei, reconhecendo a entrada do shopping.

- Vamos ver como os videogames são divertidos.

Suspirei e vi Benjamin estacionando a moto em um lugar próximo da entrada. Esperei na calçada, eu o observava, eu o analisava. Já havia saído com uma quantidade saudável de caras, mas nunca os levei muito a sério. Benjamin era diferente, mesmo sem eu querer admitir. Não sabia o que estávamos fazendo, isso definitivamente não era um encontro, pelo menos não um oficial.

Benjamin tirou o capacete e por um minuto pareceu que tudo parou à minha volta, seu belo rosto, com uma pequena mecha de cabelo sobre seus lindos olhos verdes, me fez ficar um pouco sem ar. Ele era realmente bonito. Ainda mais com aquela barba, ela acentuava ainda mais seu rosto, como se o desenhasse.

- Vamos? – Perguntou, sorrindo.

Comecei a andar ao lado dele e, como todo sábado, o shopping estava cheio. Não me importei muito, apenas caminhei, em silêncio.

- Caramba, você está silenciosa hoje, posso saber o porquê?

- Nada...

- Já sei e se eu te comprar um sorvete? – Antes mesmo de eu falar qualquer coisa, Benjamin parou no estande de sorvete do Mcdonalds e me comprou uma casquinha mista, e para ele uma de chocolate. – Já que eu não sabia qual você gostava, peguei as duas.

Sorri e aceitei a casquinha, não comia desde que havia entrado na faculdade de medicina.

- Agora você vai me dizer aonde vamos exatamente?

- Você já vai descobrir. – Andei mais alguns segundos, em silêncio, ao lado de Benjamin; descemos alguns pisos e foi quando paramos, em frente a uma grande fila, para comprar ingressos, para uma exposição que estava acontecendo. Surpreendentemente, havia muitas crianças na fila.

- O que uma exposição tem a ver com jogos?

- É que é uma exposição de jogos! – Benjamin exclamou, sorrindo e me puxando para longe da fila e direto para a entrada.

Por um momento, estranhei o tema, não era muito comum ter uma exposição de videogames e eu não conseguia imaginar o que eles colocariam ali, mas quando entrei, praticamente arrastada por Benjamin, fiquei surpresa, não podia negar. O lugar era enorme, com videogames de muito antes de eu

nascer e até mesmo antes de Mario e Pokémon - que eram basicamente os únicos que eu conhecia. Era difícil de acreditar que tinha tanta coisa naquele lugar imenso.

Começamos a andar e vi o rosto de Benjamin se iluminar toda vez que falava de videogame e como cada um funcionava; era como se, além dos jogos, ele conhecesse todo o mecanismo dos consoles e jogos. E mesmo não entendendo muito, acabei, inconscientemente, ficando absorvida no entusiasmo do homem na minha frente.

- Venha, vamos ver quem ganha. – Benjamin me puxou para uma enorme parede, recheada de TVs e vários consoles da Nintendo, de diferentes épocas, entregando-me nas mãos um controle antigo. – Mario Kart, acha que pode me vencer princesa?

- Eu não sei jogar muito bem... – Falei, sorrindo. – Mas não vou perder para você.

Demos risada um do outro e, surpreendentemente, estávamos lado a lado um do outro. Obviamente, Benjamin estava na frente, mas eu não iria me dar por vencida. Comecei a pegar os itens e como eu estava atrás era mais fácil arremessar nos alvos da frente, demorou algumas tentativas para finalmente eu pegar um item decente e bombardear Benjamin e passar na frente. Ele não perdoou, fez o mesmo comigo. ‘Brigávamos’ um com o outro em meio ao jogo, até que, infelizmente, terminou com ele ganhando, mas mesmo para uma pessoa competitiva como eu, eu não estava insatisfeita.

- Você foi bem para uma iniciante. – Ele sorriu para mim, seu sorriso realmente era bonito. Droga, não deveria estar pensando aquilo.

- E você não foi nenhum cavaleiro, sem me deixar ganhar.

- Queria que eu te deixasse ganhar?

- Até parece, ficaria furiosa.

Rimos e continuamos a andar pela exposição. Era incrivelmente divertido, parávamos em todos os games disponíveis e sempre competíamos um com o outro, sem parar de aproveitar um único momento. Tinha que admitir que ir para aquela exposição me ajudou a descontrair, fazia tempo que não me sentia tão relaxada daquela maneira. Finalmente, depois de analisar, brincar e escutar as funcionalidades de cada console que tinha na exposição, havíamos chegado no final. Na verdade, pensei comigo mesma, fiquei um pouco decepcionada que já havia terminado.

- Agora você sabe o que tem de interessante em videogames.

Contive meu sorriso, sem querer dar o braço a torcer.

- Ainda prefiro livros. – Provoquei-o e seu sorriso logo virou uma cara de ‘Aí meu D’us’ e eu ri. – Nem adianta, agora está na hora da livraria.

- Não podemos deixar isso para outro dia?

- Não, eu aceitei desde que você lesse um livro.

Ele finalmente se deu por vencido e aceitou minha condição; não demorei muito para escolher o livro para ele ler. Era o livro que toda criança e adulto tinha que ler, “O Pequeno Príncipe”, o primeiro livro que minha mãe havia me dado.

- Mas esse definitivamente tem mais que 50 páginas! - Ele imediatamente reclamou.

- Pelo menos esse tem desenho. – Rebatí. – Se você reclamar, vou te fazer ler Paz e Guerra.

- Paz e Guerra? – Ele perguntou, sem saber, e eu fiquei meio estarecida com seu pouco conhecimento em livros. Circulei pela livraria e pedi a um dos

atendentes o livro. Mostrei-o à Benjamin, que quase gritou com o tamanho. – Isso já é demais, princesa.

- Então fique satisfeito com “O Pequeno Príncipe”. – Falei, em direção ao caixa.

- Vai comprar também? – Perguntou.

- Claro, você comprou os ingressos da exposição. – Não o deixei aprofundar muito no assunto e paguei.

Sáímos e entreguei a sacola com o livro para Benjamin, que ainda me encarou com descrença.

- Você tem uma semana. – Alertei-o.

- Qual é, princesa, isso é tortura. – Reclamou.

- Uma semana. – Dessa vez, mostrei o ‘um’ com o dedo e ele riu.

Continuamos a conversar, dessa vez ele me perguntava sobre do que se tratava o livro, mas não dei pistas - fomos para sua moto, na qual, preciso confessar, estava ansiosa para sentar de novo. Ele me levou direto para casa, dessa vez, fazendo manobras mais ousadas e me fazendo rir e apertá-lo com ainda mais força, se é que isso era possível.

Benjamin parou diante da minha casa e quando eu entreguei o capacete para ele, no momento em que ele descia da moto, Benjamin tirou o seu, fazendo os nossos olhos se encontrarem.

- Foi legal, hoje. – Falei.

- Só legal. – Ele sorriu, apoiando os capacetes no guidão da moto, desceu e parou na minha frente. Ele estava tão próximo. Sua mão gentilmente tirou uma mecha de cabelo dos meus olhos. – Seus olhos são bonitos demais para ficarem cobertos. – Ele falou, se aproximando ainda mais do meu rosto; eu começava a ouvir sua respiração, a quase sentir seus lábios nos meus. Queria que ele me beijasse, eu definitivamente queria aquilo, mas eu tinha aquele direito? – Vou te beijar, princesa. – Ele alertou, o que achei até engraçado, mas antes que ele o fizesse, peguei o saco da livraria pendurado no guidão e coloquei entre nós, estragando o nosso ‘momento’.

- Isso vai ser para quando você acabar isso. – Balancei o livro na frente dele e ele riu, segurando o livro.

- É só isso que eu vou ganhar, depois de tudo que fizemos hoje? – Ele perguntou, fingindo estar chateado, mas tinha um meio sorriso escondido em sua barba. – Uma promessa de político?

- E quem disse que é de político? – Provoquei-o, beijando no rosto e andando até a porta de casa, lentamente. Dei uma última virada e vi Benjamin sorrindo apoiado na moto. Não podia negar, ele sabia torcer minha teimosia. Droga.

Capítulo 4

Estava na faculdade, quando o meu celular apitou.

‘Terminei’.

Era uma mensagem de Benjamin e fazia menos de uma semana que eu havia dado o livro para ele. Sorri com sua resposta.

‘Prove’.

Respondi, tomando um gole do suco que eu havia acabado de comprar, depois de sair da aula de Trauma.

Ele digitava sem parar e demorou um pouco para vir a resposta, mas veio até que uma boa frase, uma frase que me surpreendeu e me fez sorrir.

‘Eu não preciso de ti. Tu não precisas de mim. Mas, se tu me cativares, e se eu te cativar... Ambos precisaremos, um do outro. A gente só conhece bem as coisas que cativou. Tu te tornas eternamente responsável por aquilo que cativas!’

Benjamin realmente havia lido o livro inteiro. Tomei mais um gole do suco.

‘Vai cumprir sua palavra?’

‘Depende’

Continuei a provocá-lo.

‘O que? Voltou atrás?’

‘Não, depende de quando nós vamos nos ver, sozinhos; afinal, não podemos fazer isso no escritório do meu pai!’.

Não sabia o que Benjamin estava fazendo, mas dessa vez ele havia demorado um pouco mais para responder.

‘Eu te pego na sexta’.

‘Sexta eu vou estar na faculdade até tarde...’

‘Ótimo, me fale o horário e eu vou te levar para um lugar fantástico.’

No final, não consegui driblá-lo e acabei concordando em ver Benjamin fora do escritório do meu pai. Por fim, terminei meu suco e voltei às aulas do dia, não podia me distrair tanto assim, ainda tinha muitas coisas para fazer, sem contar que se eu conseguisse falar com o professor, eu muito provavelmente conseguiria alguns pontos para adicionar ao meu currículo. Apesar da minha mãe poder quase me garantir uma boa porta de entrada, para o maior hospital do Rio de Janeiro, não queria depender dela, queria fazer tudo pelo meu próprio esforço. A verdade é que mesmo sem estarmos nos melhores termos, minha mãe ainda insistia que me ajudaria em Medicina.

Fui para aula e dessa vez liguei para meu pai, falando que eu não poderia buscá-lo, mas já havia chamado um táxi para ele voltar para casa. Provavelmente, ele iria querer dispensar o táxi, mas se o fizesse, garanti a ele que não o deixaria ir para o trabalho nos próximos dias. Meu pai sabia ser teimoso.

Depois de todas as aulas terminadas, pesquisas quase prontas, voltei para casa, que estava estranhamente barulhenta naquela noite. Quando cheguei em casa, havia um carro preto parado em frente do meu portão e um estranho homem de roupa preta, parado na frente da porta da minha casa - ele tocava a campainha e esmurrava a minha porta sem parar.

Parei o carro um pouco atrás, para o homem não me ver. Não era louca de abordar um homem que possivelmente estava armado, não depois de Dani.

- Velho teimoso! – Ouvi a voz do homem ecoar pela rua. – Eu sei que ele te deu! A brincadeira acabou!

O que era tudo aquilo? Que droga estava acontecendo na minha casa? Fiquei escondida no carro, vendo o homem, de alta estatura, dar um chique em frente à minha porta, até que finalmente os seguranças da rua aparecerem para expulsar o homem da vizinhança. Quando me senti segura o suficiente para entrar em casa, entrei, querendo saber o que raios estava acontecendo.

Meus pais estavam na sala, discutindo; no momento em que passei pela porta da entrada, consegui ouvir.

- Quem era aquele homem? Era de um dos seus 'casos'?! – Minha mãe tinha irritação e ironia misturada em sua voz.

- Não era nada. – Meu pai respondeu, com pouco caso.

- Nada, tinha um estranho esmurando a nossa porta!

- Não importa, Vera.

- Claro, que importa, você já não é mais o mesmo desde a morte de Daniel.

- E você é?! – Meu pai dessa vez esbravejou, nunca havia ouvido sua voz ficar tão alta como daquela maneira. – Antes, você amava sua filha!

Lágrimas vieram aos meus olhos, ao ouvir aquela frase e principalmente pela minha mãe não negar aquela frase. Por mais que eu brigasse com minha mãe, ainda queria acreditar que ela me amava, mas o seu silêncio respondia as coisas para mim. Sem meus pais notarem minha presença, dei meia volta, peguei o carro e comecei a dirigir sem rumo, com lágrimas em meus olhos.

Por vários minutos, fiquei sem rumo, até finalmente resolver parar em frente à praia de Copacabana. Era tão diferente de dia e de noite aquela praia. Com o sol o lugar era cheio de vida e até alegre, à noite era calmo e assustador, mesmo assim não me importei. Desci do carro e fui fazer um passeio de começo de madrugada na praia.

Tirei os sapatos e coloquei imediatamente meus pés na água do mar, contando ondas, torturando-me por estar viva, cada onda que eu contava eu tentava me dar um motivo para continuar viva, mas desde a primeira, os meus motivos desapareciam de minha mente, porque no fundo eu sabia, quem deveria estar debaixo daquele céu estrelado e observando aquelas ondas era Dani, meu irmão, meu amigo, meu salvador.

Meu celular começava a tocar, enquanto minha cabeça resolvia pregar peças em mim mesma. Ignorei, não me importava quem era, eu só queria ser deixada em paz. Acabei jogando o celular do meu lado e me deitando na areia, não me importando de me sujar ou de ficar molhada, tudo que eu queria era ficar parada naquele momento.

Acabei fechando os olhos e por um instante adormeci na areia a céu aberto, na praia de Copacabana, sem me importar se o mundo acabasse à minha volta naquele momento. Despertei assustada quando a água do mar veio em minhas costas indicando a leve queda de temperatura e me lembrando de que eu não estava em minha casa, muito menos em minha cama. O céu ainda estava escuro e quando vi meu celular do meu lado percebi que ele, por milagre, ainda funcionava.

Dez chamadas perdidas da minha mãe, quinze do meu pai e vinte e cinco de Benjamin?! Fiquei em choque. Destruí meu celular e quase imediatamente Benjamin começou a me ligar. Atendi.

- Onde você está?! – Perguntou, atordoado, do outro lado da linha.

Observei os lados para lembrar onde eu estava exatamente.

- Na praia de Copacabana.

- Onde na praia?
- Perto de um quiosque grande, por quê? – Perguntei, ainda sonolenta.
- Espere aí, vou te buscar.

O celular foi desligado bruscamente e eu não me atrevi a me mexer, continuei a observar as belas ondas e o fim da madrugada. O tempo realmente não parava, por mais que você quisesse.

- Antonella, o que você pensa que está fazendo aqui, no meio da madrugada? – Repentinamente, Benjamin apareceu, na minha frente, e eu sorri, escondendo o fato de achar estranho que o homem me chamasse pelo nome, ele nunca havia usado meu nome.

- Torcendo para o tempo parar?

- Seus pais estão malucos atrás de você! – Ele me repreendeu. – Eles me ligaram falando que você chegou em casa e logo saiu sem mais nem menos....

- Claro, eles esqueceram de falar que tinha um homem estranho em casa e que minha mãe quase admitiu que não me ama, mas isso são detalhes, afinal eu sou a culpada da morte de Dani. – Falei, voltando a me deitar na praia.

- Você está bêbada? – Benjamin me perguntou, sentando-se ao meu lado.

- Não, mas gostaria de estar. – Sorri comigo mesma. – Eu só estou frustrada, meus pais me odeiam, meu irmão está morto e eu estou aqui sozinha.

- Quem disse que você está sozinha? – Benjamin ficou sobre mim, apoiado em um de seus braços, me fazendo olhar diretamente em seus belos olhos verdes, cada vez mais próximos. – Eu vou pegar minha recompensa agora.

Deixei ele ficar ainda mais próximo e finalmente senti seus lábios nos meus e nunca senti tanta intensidade de uma só vez. Nossos lábios pareciam ter sido feitos um para o outro, sua mão quando me puxou para si, me fazendo levantar da areia, me fez sentir segura em seu forte abraço. Pela primeira vez em minha vida, senti o tempo parar, minha cabeça ficar completamente vazia e tudo à minha volta parecer uma lembrança. Apenas aquele beijo com Benjamin importava, onde seus lábios me consumiam de desejo e conforto.

- Você não está sozinha.

Aconcheguei-me nos braços dele, apoiei minha cabeça sobre seu peito, enquanto ele me envolvia. A brisa do mar e as ondas me ajudavam a relaxar, tanto que lágrimas voltaram a escorrer dos meus olhos.

- O que foi princesa, o beijo foi tão ruim? – Ele perguntou, com seu típico tom brincalhão.

- Não, foi bom. – Admiti, o que surpreendeu Benjamin.

- Você finalmente admitindo algo, que novidade.

Sorri. Ele era o único que conseguia me fazer sorrir e até rir, por mais deprimida que eu ficasse.

- Benjamin, se eu te pedir uma coisa, você faz? – Perguntei.

- Tudo.

- Será que você pode me levar para um lugar longe?

Ele ficou em silêncio e deu um beijo delicado em minha bochecha.

- Não é muito longe, mas se você quer se esconder, você pode ir para minha casa, duvido que o senhor Marcos e dona Vera iriam te procurar lá.

Não demorou muito para eu saber onde 'lá' era. Favela da Rocinha, uma das mais perigosas do Rio de Janeiro - não podia negar que, de início, fiquei apreensiva de entrar sozinha. Nunca havia entrado naquele lugar sem um grupo de médicos atrás, geralmente íamos nos postos dentro da favela para ajudar com a comunidade, mas para isso sempre contávamos com os contatos que a

faculdade tinha com as pessoas dentro do lugar para garantir a nossa segurança, nunca pensei em entrar sozinha e sem ser uma 'médica'.

- Não se preocupa princesa, ninguém vai se meter com você aqui.

- Eu já vim aqui. – Falei ficando ainda mais próxima de Benjamin.

- Eu sei. – Ele sorriu para mim e me envolveu em seus braços.

- Como?

- Pode não parecer, mas eu faço parte da comunidade. – Ele sorriu. – Você salvou minha mãe, no ano passado.

Não compreendi e não falei nada, não queria parecer fria, porque, sinceramente, eu não me lembrava nada daquele ano - eu estava pior ainda, esperando sempre que alguém, ou algo, tirasse minha vida. Eu tentava ao máximo me redimir, me inscrevendo em todos os plantões oferecidos pela faculdade para estudantes; desde a morte de Dani, fazia questão de salvar o máximo número de pessoas, mesmo sem ter ainda licença para fazê-lo.

- Você não se lembra, não é? – Benjamin perguntou, enquanto subíamos o grande morro.

- Desculpa.

- Não tem problema, não tinha como você se lembrar, você salvou bastante gente aqui na comunidade, naquele dia.

- Aquele dia? Foi um dia específico? – Não conseguia me lembrar, minhas lembranças no ano seguinte da morte de Daniel eram simplesmente um borrão.

- Tiroteio, bala perdida, única médica que ficou.

Foi quando lembrei do dia em que tive certeza que minha mãe não se importava comigo. Foi o dia em que eu havia ido para a comunidade, depois de minha mãe ter me falado que quem deveria ter morrido no assalto era eu e não meu irmão – então, naquele dia, não me importei se a polícia, ou os traficantes, atirassem em mim, desde que outras pessoas ficassem a salvo. Eu podia morrer, o resto do mundo não.

- Se pensa que sou uma espécie de heroína, pode tirar o cavalinho da chuva, eu apenas...

- Estava deprimida. – Ele terminou para mim. – Eu sei, mas não muda suas ações. Vêm.

Finalmente, depois de quase meia hora subindo o morro, paramos em frente à uma pequena casa, pintada de branco e uma pequena porta de madeira.

- Não é o luxo que está acostumada, mas...

- Para mim, está ótimo. – Falei e quando Benjamin abriu a porta, vi uma aconchegante sala simples, com um sofá velho e uma pequena TV antiga, sobre um móvel. No fundo, conseguia perceber que tinha uma pequena cozinha, com uma escada de cimento rente à parede mal pintada, tudo podia ser simples e apertado, entretanto, por todo lugar tinha algo que fazia o lugar parecer vivo, não sabia se eram as fotos das pessoas sorridentes espalhadas pela casa ou os sapatos e roupas jogados no chão, mas aquele lugar parecia mais caloroso do que minha casa.

Sentei-me no sofá e Benjamin me trouxe um copo d'água, sentando-se ao meu lado, depois de recolher as roupas do chão e chutar os sapatos para o lado, parecendo um pouco desconfortável com a situação. Era a primeira vez que eu o via calado e sem um sorriso no rosto.

- O que foi? – Perguntei.

- Aqui não é como a sua casa... Grande, cheia de coisa bacana...

- Não, não é. – Falei, com toda sinceridade. – Mas é menos frio. Minha casa já não é um lar. Sua mãe está...

- Ela já deve ter saído para o trabalho...

- Filho, é você? – De repente, uma mulher baixa e de olhos extremamente cansados apareceu pela pequena passagem entre a cozinha e a sala, parecendo completamente aliviada de ver Benjamin em casa, sem ao menos notar minha presença. – Graças a D'us, quer me matar do coração, saindo desse jeito?! – A mulher deu leves tapas no braço do filho, repreendendo-o e foi quando finalmente percebeu que eu estava na sala. – Jura? Trouxe visita e nem para me falar, eu estou toda... Perdão por aparecer desse jeito..., mas é a doutorazinha que me salvou? D'us a abençoe, minha filha. – A mulher simples pegou a minha mão e a beijou. – Perdão, não deveria tocar em você...

- Não se preocupe, senhora. – Sorri para ela, dessa vez pegando sua mão. – Fico feliz em saber que está bem.

- D'us do céu, Benjamin, como pode trazer a doutorazinha sem me falar nada? E como você a achou? – A mãe brigava com o filho, que achava graça, e eu acabei sorrindo, com a cena – era algo que eu não tinha há muito tempo com minha mãe, e que estranhamente eu reclamava antes, mas agora sentia tanta falta.

- Ela não é apenas uma doutorazinha, ela é minha namorada. – Ele falou, deixando a mim, e à mãe, dele completamente boquiabertas. – Então, dona Silvia, não vai me parabenizar por ter conquistado uma princesinha tão linda e cheia de garra?

A senhora ficou tão calada e surpresa quanto eu. Principalmente quando Benjamin me deu um beijo na cabeça, mas antes que qualquer uma das duas pudesse falar qualquer coisa, ouvimos uma batida na porta.

- Benjamin, você está aí? – Uma voz ameaçadora e fina apareceu pela porta. – O chefe quer vê-lo.

Encarei Benjamin, que ficou sério, nunca o tinha visto com aquela expressão, já sua mãe, ficou imediatamente com um semblante triste em seu rosto e com os olhos cheios de lágrimas.

- Meu filho, não vá. – Ela pediu.

- Sabe que tenho que ir, mãe. – Benjamin beijou a mãe, em seguida me beijou novamente e abriu a porta para um moleque com cara de poucos amigos. Não só seus olhos eram raivosos, como sua grande arma pendurada nas suas costas me falava que algo não estava certo. – Cuide dela, mãe, por favor.

A porta se fechou e eu encarei a mãe de Benjamin, que tinha a mão no peito.

- A senhora está bem? – Perguntei, mas ela não respondeu. – Venha, sente-se. – Ajudei a mulher a se sentar no sofá e vi lágrimas escorrendo de seus olhos. – Tenho certeza que Benjamin não está fazendo nada de mal...

A mulher esboçou um meio sorriso e deu alguns tapinhas carinhosos na minha mão.

- Ele é um bom rapaz, menina, acredite nisso. – Ela implorava para que eu acreditasse em suas palavras. – Apenas teve uma vida difícil...

- Eu sei que é. – Tentei sorrir para a mulher, mesmo sem conseguir ignorar o fato daquela situação estranha, no fundo, eu sabia que Benjamin não era o tipo de pessoa que faria mal para outra pessoa, mas que eu tiraria satisfação com ele mais tarde, eu tiraria. Por enquanto, o melhor a fazer era eu cuidar para que aquela senhora não desmaiasse, assim conseguiria ignorar os problemas. Pelo

menos até Benjamin chegar, porque se tinha uma coisa que eu não ia fazer era namorar bandido, por mais 'bonzinho' que ele fosse.

Capítulo 5

Benjamin demorou para voltar, não sabia o que ele estava fazendo, mas algo me falava que não deveria ser nada bom. Tentei me distrair ajudando a mãe de Benjamin preparar comida e arrumar a casa, não queria que aquela mulher fizesse as coisas sozinha.

- Como conheceu meu filho? – Dona Silvia, perguntou em meio ao preparo do jantar.

- Ele começou a trabalhar com meu pai, pelo que eu entendi. – Respondi, tentando não queimar a carne na panela - eu sabia costurar uma pessoa, mas cozinhar era uma história diferente.

- Seu pai?

- Sim, meu pai é dono da empresa Samstras de advocacia, cuida desde casos trabalhistas até criminais... – Enquanto eu explicava, comecei a ver que a pouca cor que o rosto da dona Silvia tinha, começava a desaparecer.

- Samstras? – Ela perguntou, quase em pânico, e eu assenti.

- Sim, por quê?

- Nada, minha filha, nada. – Ela falou, mas sabia que ela estava me escondendo alguma coisa e antes que eu pudesse perguntar mais, a porta da pequena casa abriu-se e Benjamin passou por ela, com um estranho sorriso no rosto. – Filho, aconteceu alguma coisa?

- Nada, mãe, não se preocupe. – Ele beijou a mãe e passou suas mãos pela minha cintura, enquanto eu tentava não queimar a carne na frigideira. – Você não sabe cozinhar, não é, princesa?

- Eu sei cozinhar. – Falei, teimando, droga, ele havia desviado do assunto, no momento.

- Tudo bem, mas acho melhor você virar a carne, senão vai queimá-la. – Benjamin sorriu e eu o empurrei para longe. – Acho melhor você passar a noite aqui e amanhã eu te levo para casa.

Suspirei.

- E você, dona Silvia, vai precisar ir no médico; quando falta no trabalho, é porque está com dor.

- Ou porque eu tenho um filho com quem me preocupar. – Ela bateu no filho. – Não faça nenhuma bobagem, filho.

- Não se preocupe, agora vamos comer que estou faminto.

Não podia dizer que minha carne havia ficado boa, mas não havia ficado ruim. Entretanto, o que salvou o jantar foi o arroz e feijão da dona Silvia - fazia tempo que eu não comia uma comida caseira, mesmo com a Teresa trabalhando conosco, raramente comia em casa, geralmente, comia na faculdade um pão de queijo ou coisa do gênero. Nada muito nutritivo.

- Minha filha, pode deixar que Benjamin lava. – Dona Silvia falou. – Vai dormir...

- Pode usar minha cama, no andar de cima, princesa.

Encarei os dois um pouco desconcertada, mas aceitei a oferta, estava exausta por algum motivo, talvez o sono atrasado de todas as horas extras na faculdade. O quarto era pequeno, com duas estreitas camas de solteiro, embaixo de uma janelinha de metal. O colchão era um pouco mole, mas não tinha do que reclamar, Benjamin havia feito apenas o que eu pedi, entretanto, isso não mudou o fato de que eu não consegui pegar no sono.

- Que relação ela tem com aquele advogado? – Ouvi dona Silvia perguntar à Benjamin, quando ia descer para tomar um copo d'água, quem sabe isso me ajudasse a dormir.

- Mãe, relaxa...

- Relaxa? – A mãe de Benjamin parecia furiosa. - Se Pedro descobre, ele te mata e mata ela junto. Isso não é brincadeira.

- Eu sei mãe, por isso a senhora não vai falar para ninguém sobre Antonella.

- E se alguém perguntar?

- Diz que é filha de uma parente sua que veio nos visitar.

- Ela não sabe, não é? – A voz da mulher começou a ficar cansada. – Eu nunca ia imaginar que a doutorazinha que salvou minha vida tivesse relação... – Ela parou de falar e fez um momento de silêncio. - Uma hora, você vai ter que falar para ela. Eu não criei nenhum bandido ou mentiroso, me entendeu, Benjamin?

- Me falar o quê? – Perguntei, entrando na cozinha, bem no momento mais dramático - eu tinha uma queda por dramaticidade, mas logo percebi que talvez tivesse feito bobagem, porque senti o desconforto dos dois ao perceberem que eu ouvira a conversa. Deveria ter ouvido até o final, algo muito estranho estava acontecendo no lugar.

- Nada, princesa. – Benjamin logo veio em minha direção, sorrindo, o seu típico sorriso despreocupado e um pouco provocador. – Volte a dormir, prometo que não é nada de importante.

- Benjamin...

- Prometo que você não tem nada com que se preocupar.

Encarei dona Silvia, que me encarava como se quisesse falar alguma coisa, mas quando o filho ficou do meu lado, ela desistiu. Precisava saber o que estava acontecendo, porque se tinha uma coisa que eu não era, era idiota; sabia que estava acontecendo alguma coisa, porém, mesmo que eu precisasse saber, não sabia se estava preparada para as consequências de descobrir fosse lá o que estivesse acontecendo.

- Vou te dar um beijo de boa noite, para você dormir como a bela adormecida e acordar novamente em seu belo palácio, princesa. – Benjamin brincou, parado em um degrau abaixo do meu, alcançando quase a minha altura e se aproximando de meus lábios. Realmente, os beijos de Benjamin eram inebriantes, seus fortes braços na minha cintura e sua respiração sobre minha pele deixavam todo meu corpo bambo. Ele me trazia um conforto mais do que necessário, algo que eu não queria perder.

- Benjamin, você está proibido de morrer. – Sussurrei, enquanto o beijava. Como alguém, que eu conhecia há tão pouco tempo, podia me trazer o conforto do qual eu tanto ansiava? E ao mesmo tempo, ter medo de perder esse mesmo conforto, porque algo dentro de mim estava me deixando inquieta sobre o assunto.

- Relaxa essa sua cabecinha, ninguém aqui vai morrer. – Ele riu. – Agora, vai dormir que eu tenho que te levar para o seu palácio logo cedo, seus pais vão me matar se eu não fizer isso.

Na manhã seguinte, tomei um café rápido com Benjamin, sabendo muito bem que a primeira coisa que eu teria de fazer quando chegasse em casa era enfrentar a frieza da minha mãe e o desapontamento no rosto de meu pai, então não estava com nenhuma pressa de chegar.

- Sua mãe não vai tomar café? – Perguntei, enquanto Benjamin mordia o pão com manteiga que havia preparado.

- Provavelmente foi repor o dia que faltou no trabalho.

- Agora já sei de onde vem essa sua força. – Comentei.

- Não acredito, a grande princesa teimosa me elogiando?

- Não, elogiei sua mãe. – Sorri e ele se debruçou e me deu um beijo, cheio de farelo de pão preso na sua barba de ‘final de tarde’.

- Muito bem, agora termine de comer e vamos, tenho que te levar para seu palácio, minha cara princesa.

- Benjamin... – Coloquei o pão que comia no prato e fiz o homem sentado ao meu lado me olhar. – Obrigada. – Finalmente consegui dizer, segurando sua mão e engolindo toda minha teimosia.

- Normal o namorado apoiar a namorada.

Sorri.

- Não lembro de ter aceitado.

- Não aceitou? – Ele perguntou, fingindo surpresa. – Pensei que o nosso beijo fosse a prova, mas talvez faltou um pouco de convencimento da princesa teimosa.

Ele levantou-se do seu pequeno banco branco e antes que eu pudesse reagir, passou suas grandes mãos pelos meus cabelos, pressionando com ainda mais força seus lábios sobre os meus, tendo uma reação ainda mais inebriante do que as outras vezes. Coloquei meus braços sobre seus ombros e senti o homem me levantar e me prender contra a parede.

- Pode ser falta de educação, porém eu ainda sou um garoto do morro. – Ele sussurrou, dando leve beijos no meu pescoço. – Princesa, você é muito gostosa.

Sorri e os meus lábios procuravam os dele, sentia sua mão passar por debaixo da minha blusa e mesmo aquele sendo mais um dia quente no Rio, estremeci com seu toque. Ele realmente era difícil de resistir.

- Então, ainda não se convenceu que quer ser minha namorada? – Ele provocou, ficando a centímetros de mim, roçando seu nariz no meu e me seduzindo com seus belos olhos verdes. – Já sei, talvez você precise de um pouco mais de ‘convencimento’. – Seus beijos agora passavam dos meus lábios para minha bochecha, em seguida para a minha orelha, voltavam para meus lábios, descia até o queixo e aos poucos começou a ficar no pescoço, me dando uma sensação de puro êxtase, não podia negar, Benjamin beijava muito bem. Bem para valer.

- Benjamin... – Sussurrava, tentando afastá-lo.

- Sua resposta. – Continuava a me provocar.

- Tudo bem. – Finalmente, cedi e ele imediatamente caiu na gargalhada, apoiando seu rosto no meu ombro, enquanto eu ficava completamente incrédula.

- Desculpe, princesa. – Ele imediatamente me falou, me dando um leve beijo na bochecha. – Mas nunca pensei que você fosse ceder.

- Queria que eu não cedesse? Então não sou mais... – Ele imediatamente me silenciou com seus lábios sobre os meus.

- Nem pense em voltar atrás, princesinha birrenta. – Benjamin exigiu. – Agora que você é minha, eu não vou te deixar sair tão fácil.

Sorri e quando comecei a sentir as mãos de Benjamin começarem a tocar a minha pele, o maldito celular começou a tocar. Primeiro, pensei que fosse o meu, mas era o do Benjamin, que logo atendeu, me deixando irritada -

principalmente pelo fato dele estar falando no celular e ainda impedindo que eu me liberasse da parede na qual ele me encostara.

- Bom dia, senhor Marcos. – Nessa hora, minha irritação passou para desespero. – Sim, já estou levando ela, não aconteceu nada, não senhor. Sim. Nesse instante.

Benjamin desligou o celular e me olhou com desapontamento.

- Parece que eu vou ter que levar você mais cedo para casa. Seus pais estão loucos atrás de você. – Benjamin me falou, dando um leve beijo no meu pescoço e se afastando. – Vou te deixar em casa e se quiser eu pego o seu carro na praia.

- Não precisa, depois eu pego, isso é, se ainda estiver lá.

- Sua despreocupação com as coisas me assusta. – Benjamin falou, surpreso.

- É só um carro.

- Isso é a típica frase que alguém com dinheiro falaria. – Ele zombou. – Deve ser bom ter a vida assim.

Imediatamente, meu sorriso desapareceu e Benjamin percebeu.

- Desculpe, princesa, eu não...

- Não é você, sou eu. – Falei, afastando-me de Benjamin e me sentando à mesa. – O bom da vida é ter algo como você e sua mãe tem, dar valor às pessoas à sua volta vale mais do que qualquer dinheiro....

Benjamin sentou-se ao meu lado e segurou minha mão.

- Sou um idiota, não deveria ter falado desse jeito, sei que perdeu seu irmão...

- Ben, - Falei, segurando sua mão. – Será que podemos passar em um lugar, antes de você me levar para casa?

- Claro, para onde você quiser.

Então chegamos ao lugar onde eu sempre encontrava um pouco de paz. Pela primeira vez, havia ido até lá acompanhada. Nunca havia levado ninguém até a lápide de meu irmão.

- Oi, Dani. – Falei para a lápide, me sentindo um pouco idiota de conversar com um grande pedaço de pedra, ainda mais na frente de Benjamin, que parecia estar estranhamente silencioso no lugar. – Faz um tempo, não é mesmo? Acho que andei ocupada demais com minha própria vida, desculpa. – Passei a mão sobre a lápide de meu irmão e, como sempre, lágrimas começaram a descer dos meus olhos.

- Ele entende. – Benjamin colocou sua mão sobre a minha. – Não precisa se preocupar.

- Talvez você tenha razão. – Falei, secando as minhas lágrimas. – Mas não posso esquecê-lo, afinal ele morreu por minha causa. – Admiti para Benjamin, que apenas me encarou, com uma enorme surpresa.

- Não acho que a morte do seu irmão seja....

- Ele se colocou na minha frente, eu estava no banco do motorista, gritando com o assaltante... – Lágrimas escorriam dos meus olhos, ao lembrar da cena. Era o começo da madrugada, estava a caminho de uma festa com Dani, teimeei que queria dirigir, como sempre, brigávamos para decidir a música que iria tocar, foi quando uma moto parou do nosso lado - o marginal na carona da moto apontou a arma para mim. Sabia que deveria ficar quieta e entregar tudo, mas eu estava no auge da minha rebeldia, achando que eu podia contra todo mundo. Havia começado minhas aulas práticas de medicina, não sei exatamente

o motivo, mas me senti poderosa o suficiente para gritar com o filho da mãe do meu lado e foi quando a arma disparou, a única coisa que me lembro era do meu irmão caído sobre mim, formando um escudo contra a bala. O seu sangue ficou inteiro sobre mim. Não me lembrava nem ao menos de ter chamado a ambulância, a única coisa que lembro foi dos paramédicos me tirando do carro, junto com meu irmão e eu insistindo em ir no hospital, com meu irmão, e no momento seguinte, estava fechada na ambulância, com ele, que buscava por ar e que morria segurando minhas mãos. Ele não merecia ter morrido daquele jeito. Não por uma coisa tão idiota quanto minha boca. Foi a primeira e única vez que minha mãe me bateu.

Uma fraqueza tomou conta de mim ao lembrar da tragédia e Benjamin, na hora, me segurou.

- Ele não ia querer que você se torturasse tanto assim, princesa. – Benjamin deu um beijo na minha testa. – Tenho certeza que ele ainda iria querer que você vivesse.

- Como pode ter tanta certeza?

- Se ele te salvou, foi por um motivo, tenho certeza que não foi para te culpar. Venha, seque as lágrimas e vamos para seu castelo, minha princesa. – Benjamin me deu um meio sorriso e eu acatei seu pedido, andando até sua moto. – Segure-se.

Finalmente, havíamos chegado em casa. Parei em frente do grande portão, com medo de entrar, mas finalmente entrei, acompanhada de Benjamin, que não me deixou simplesmente dar meia volta e voltar para qualquer outro lugar que não fosse esse.

Minha mãe e meu pai estavam na sala. Meu pai pareceu aliviado ao me ver e minha mãe parecia furiosa.

- Não saia mais sem avisar desse jeito.

- Não é a primeira vez que durmo fora de casa. – Respondi para papai, um pouco apreensiva.

- Mas é a primeira vez que sai sem nos avisar, ou até mesmo sem mandar uma mensagem...

- Acha que ela liga? – Minha mãe esbravejou, cheia de desdém, me encarando cheia de raiva e até mesmo ódio. – Essa garota não se importa com os sentimentos dos outros, ou com a preocupação que os pais podem ter.

- Preocupação? – Perguntei, furiosa e cheia de desdém, com um sorriso de descrença no rosto. – Desde quando você se preocupa comigo? Sei que no fundo tudo o que você mais deseja é que eu morra! Admita, 'mamãe', tudo o que você quer é que eu morra...

Antes que eu pudesse terminar minha frase com fúria, minha mãe se aproximou de mim e pela segunda vez em minha vida, me deu um forte tapa na cara.

- Cale a boca, Antonella. – Minha mãe falou, em um tom silencioso, mas raivoso. – Não vou permitir que fale essas coisas enquanto estiver debaixo do meu teto. Benjamin, desculpe pela cena...

- Senhora, eu sei que não é da minha conta, mas vocês duas guardarem tanta mágoa uma da outra não levará a lugar algum...

- Tem razão, Benjamin, isso não é da sua conta. – Minha mãe respondeu, enquanto eu puxava a mão Benjamin e o levava para o meu quarto, me sentindo como uma criança de dez anos, encurralada pelos próprios pais. Queria muito me formar e sair daquela casa.

Sentei-me na cama, com Benjamin do meu lado, para me tranquilizar, enquanto eu chorava - pelo menos agora eu sabia que não estava completamente sozinha.

Capítulo 6

Aos poucos, quase sem perceber, minha vida começava a voltar a fazer algum sentido. Com a ajuda de Benjamin e de nossas conversas diárias e saídas semanais, conseguia de novo abrir um sorriso de verdade, mesmo muitas vezes sentindo-me culpada. Ele não me deixava afundar no meu próprio desespero.

- Ainda não decidiu? – Benjamin perguntou, enquanto andávamos pela praia.

- Não. – Ele ficou aliviado e eu sorri. – Eu joguei a porcaria da Fifa durante um mês inteiro, o livro tem que ter pelo menos 250 páginas. Agradeça por eu não cobrar 50 páginas por dia.

Rimos juntos, havíamos feito uma combinação, eu jogava vídeo game e ele lia um livro, havíamos feito uma troca. Eu já havia dado a ele alguns livros para ler e mesmo que ele fizesse trapaça com a leitura, na maioria das vezes, lia o livro que eu indicava.

Caminhávamos, aproveitando as ondas nos nossos pés, naquele final de tarde. Sempre que chegava o final de semana, combinávamos de andar pela praia, pelo menos por uma hora. Isso nos ajudava, aos dois, a relaxar, depois da nossa semana.

- Você nunca me falou, por que Direito? – Perguntei, enquanto nos sentávamos na areia. – Você realmente odeia ler.

- Porque futebol não deu. – Ele brincou, empurrei-o de leve com meu corpo, sem gostar da resposta.

- Estou perguntando porque do jeito que você gosta da mecânica de vídeo game e de como você está sempre ligado à tecnologia, não tinha como você escolher algo relacionado com mecânica ou programação?

- Humm... – Ele parou para pensar um pouco. – Talvez você tenha razão, mas... – Benjamin me puxou para si e me derrubou na areia, ficando em cima de mim. – Se fosse assim eu jamais teria conhecido você.

Sorri para ele, mas, de repente, durante um momento que parecia tão tranquilo a ponto de simplesmente parecer se paralisar, vi, por de trás de Benjamin, um homem familiar, com uma expressão estranha em seu rosto. Já havia visto aquele homem grande em algum lugar, só não me lembrava de onde. Notei que ele se aproximava de nós e não estava com uma aparência muito boa, seu corpo inteiro estava tenso e curvado. Tinha algo de errado, foi quando vi, ele tinha uma arma embaixo de sua camiseta e estava se aproximando de nós.

No momento em que esse estranho apontou a arma para nossa direção e antes mesmo de Benjamin perceber, empurrei o homem na minha frente, foi no mesmo momento em que o bandido segurando a arma gritou.

- Benjamin, o chefe manda lembranças!

Empurrei Benjamin para longe, colocando o meu peso contra o dele e me fazendo ficar em frente dele e receber o tiro. Desabei sobre o homem, que me olhou em pânico, enquanto meu corpo começava a queimar por dentro e meus olhos começavam a ficar cansados. Então essa era a sensação de levar um tiro. Meu irmão deve ter se sentido uma merda, era como se seu corpo inteiro estivesse pegando fogo e ao mesmo tempo você ainda estivesse com frio, seus olhos e todo seu corpo deixavam de te obedecer e nem mesmo um grito de dor saía de sua boca.

- Oi, princesa. – Ouvi a voz de Benjamin me chamar, mas não conseguia vê-lo. – Nem pense em uma coisa dessas, acorde, princesa!

Ele parecia preocupado. Não queria ouvir ele tão desesperado, não parecia certo. Queria tentar falar com ele, mas não conseguia fazer minhas palavras saírem, tudo ficava muito difícil com a fraqueza que eu estava sentindo.

Comecei, aos poucos, entrar e sair da consciência, comecei a ouvir mais vozes ao meu redor e a de Benjamin ficar cada vez mais distante, queria que ele ficasse ao meu lado, não que se afastasse, mas não conseguia dizer isso a ele. Sentia meu corpo ser levado e quando eu ouvi o barulho familiar da porta de ambulância se fechando, senti toda minha paranoia aumentar. Queria sair daquele lugar. Meu irmão morreria se entrássemos naquele lugar. Não, eu morreria se entrasse naquele lugar.

Meu corpo inteiro não conseguia se mexer e de repente perdi toda minha consciência.

Não sabia por quanto tempo fiquei acordada e demorei para perceber que o teto branco na minha frente não pertencia à entrada do céu e sim a um quarto de hospital. Vozes vinham para mim, me fazendo ficar um pouco mais desperta.

- Cale a boca, Benjamin. – Ouvi minha mãe falar.

- O que está acontecendo? – Perguntei, um pouco fraca e ainda tentando lembrar o que estava acontecendo. Demorou um pouco para eu saber que eu havia levado um tiro.

- Antonella você está bem? – Minha mãe correu para o meu lado. – Não se atreva a morrer.

- O que aconteceu? – Voltei a perguntar, com a voz fraca e cansada.

- Você levou um tiro... – Benjamin respondeu. – Por minha causa...

Minhas lembranças aos poucos voltavam, o homem estranho que me recordava de alguém, tudo estava confuso na minha cabeça.

- Você está bem? – Perguntei para Benjamin.

- Olha quem pergunta, princesa. – Benjamin falou, com seu sorriso torto.

- Ele tem razão, era ele quem deveria estar aqui nessa cama, não você.

– Minha mãe estava furiosa. – Posso saber o porquê de você falar que a culpa é sua?

- O homem queria atirar em mim... – Benjamin falou e deixou minha mãe completamente chocada.

- O que você disse? – Minha mãe levantou-se, nunca a vira ficar tão irritada, não desde a morte de meu irmão. – Que minha filha defendeu você? Que espécie de homem que você é?! – Ela gritou furiosa e vi o rosto de Benjamin murchar. – Você sabia, Antonella, que estava se envolvendo com um marginal?

Não consegui responder, ainda estava zozona, a medicação ainda estava forte em minhas veias.

- Não sou nenhum marginal, não mais.

- Saia daqui. – Minha mãe gritou, furiosa.

Benjamin me olhou e eu queria falar algo para ele, mas não consegui. Havia usado toda minha maldita voz na pergunta mais inútil. Tentei de todas as maneiras pedir para ele não ir, mas o homem alto apenas sorriu para mim e saiu. Sua roupa ainda estava manchada de sangue, o meu sangue, seus olhos estavam inchados e seus cabelos completamente caóticos, tudo nele mostrava que ele se importava, então por que ele seria um marginal? Ele não parecia um, a mãe dele jamais se perdoaria se fosse.

- Você sabia que ele era um bandido? – Minha mãe perguntou, furiosa e eu a encarei, frustrada. Não estava com vontade e nem mesmo conseguia responder suas perguntas. – Provavelmente, você sempre teve uma queda pelo perigo...

Fechei os olhos, ignorando as acusações de minha mãe e, por um breve momento, me perguntei onde estaria meu pai e porque ele não estava no hospital, junto comigo. Parei de lutar mais contra os medicamentos que me deixavam sonolenta e voltei a dormir.

Quando acordei novamente, vi minha mãe dormindo sentada no sofá ao lado da cama e vi a carteira do meu pai ao lado do telefone do hospital, ele provavelmente deveria ter chegado depois de algum tempo.

- Antonella, você está bem? – Meu pai apareceu, completamente em choque ao me ver. Assenti com a cabeça.

- Onde está Benjamin? – Perguntei, tentando me ajeitar na cama, mas tive muita dificuldade com a dor que sentia nas costas. – Ele não voltou.

- Sua mãe não o deixa subir, ele está na cafeteria, não saiu do hospital. Suspirei.

- É verdade que a bala era para ele?

- Eu não sei... – Menti, não, não sabia se era uma mentira. – Mas eu já havia visto aquele homem antes...

Meu pai me encarou com seriedade.

- Como ele era?

- Alto, cabelos grisalhos, rosto intimidador e a voz... – Foi quando lembrei que, meses atrás, no dia em que havia começado a namorar Benjamin, um homem da mesma estatura havia aparecido na minha casa, atrás do meu pai - mas o que ele teria a ver com Benjamin e com o meu pai? Tinha de algo muito errado naquela história.

- O que foi, Anty, lembrou de alguma coisa?

Encarei o rosto preocupado do meu pai, mas simplesmente desconsiderei e dei um sorriso vago, sem falar nada. Meu pai não me falaria o que estava acontecendo, mas que tinha algo acontecendo, tinha.

- Não... Será que posso ver Benjamin? – Perguntei.

- Vou tirar sua mãe do quarto e você manda uma mensagem para ele subir. Use o meu celular.

Concordei com a cabeça, enquanto meu pai me dava o seu celular e chamava a minha mãe para irem até o café. De início, ela não queria ir, mas com a insistência de meu pai ela acabou concordando. Para alguma coisa aquele tiro tinha servido, pelo menos sabia que, mesmo que minha mãe havia mudado em relação a mim, ela ainda se preocupava. Talvez eu ainda acalentasse alguma esperança para o nosso relacionamento.

Segurava o celular de meu pai em minhas mãos, mas antes de discar para Benjamin, acabei sem querer apertando no aplicativo de fotos e sorri, vendo várias fotos de Dani e de nossa família, sempre sorrindo sempre felizes, acabei devaneando sobre as fotos de tempos mais felizes, até que eu parei em uma foto, estranha. Era meu pai no meio na foto, chocantemente bêbado, por completo, sorrindo de orelha a orelha, com uma cerveja em uma das mãos, como se estivesse comemorando alguma coisa, enquanto seu outro braço passava sobre os ombros de um homem alto, grande e de cabelos grisalhos, o mesmo homem que havia atirado em mim. Meu mundo simplesmente congelou. Nunca

havia visto meu pai daquele jeito e nunca imaginaria que ele sairia bêbado em uma foto. O que era aquilo?

Passei por mais algumas fotos e foi quando reparei que nas fotos tiradas um pouco mais próximo da morte de Dani, ele não sorria mais como nas antigas. Eu não havia reparado muito na época e depois porque eu estava vivendo, mas vendo aquela estranha foto do meu pai e passando por todas as outras fotos de Dani de forma cronológica, comecei a reparar: meu irmão havia mudado, eu só havia sido burra demais para reparar.

Desde o começo do 2º ano da faculdade de Direito, meu irmão começou a falar que estava pensando em ir para São Paulo, ninguém nunca entendeu o motivo e ele se recusava a falar. Não sabia o que isso tinha a ver com nada, mas algo muito estranho estava acontecendo e sentia que estava tudo ligado.

Talvez Benjamin pudesse me responder, mas não se encaixava como ele teria relação com essa história – ou o que era a história, se é que tinha uma.

Liguei para Benjamin e ele apareceu quase no segundo seguinte.

- Estava na porta, vi seus pais na cafeteria. – Explicou, sorrindo para mim de uma maneira triste e desligando o celular. Ele não havia ido para casa, ainda tinha as mesmas roupas sujas. – Antonella, me perdoa... Eu jamais deveria ter me envolvido com você, eu havia prometido a Dani...

- Dani? Como pode ter prometido a Dani qualquer coisa, ele está morto... Minha cabeça estava confusa.

- Eu conheci Dani no nosso primeiro ano de faculdade de Direito. – Ele falou. – Seu irmão era rápido na leitura das pessoas e ele logo soube, sobre mim.

- O quê sobre você?

- Antonella...

- Você só me chama assim quando algo está errado. – Disse, ainda fraca.

– Por que sinto que todo mundo está escondendo algo de mim? Tem relação com a empresa do meu pai?

- Sim.

- O quê?

- Princesa, não é o melhor momento...

- É, sim, o melhor momento, eu quero saber o que está acontecendo, eu levei um tiro e pela sua cara você sabe quem é. Mereço saber quem atirou em mim.

Benjamin ficou em silêncio.

- Benjamin...

- Balinha. – Encarei Benjamin, sem entender e quase ri, mas seu rosto não estava muito amigável. – Quem atirou em você foi Balinha, o pau mandado do chefe da Rocinha.

- Você está envolvido com o tráfico?

- Durante minha vida toda, foram eles que me colocaram nas melhores escolas, me compraram as melhores roupas e ironicamente, me deixaram longe das drogas. – Encarei Benjamin, em choque. – Você me perguntou porque eu escolhi Direito, eu não escolhi. O chefe escolheu para mim. Ele é como um pai para mim.

- Um pai que atira em você?

Benjamin ficou em silêncio. Eu estava prestes a explodir, como foi que não havia reparado naquilo antes, ou eu simplesmente havia escolhido ignorar.

- Ele provavelmente descobriu sobre eu estar envolvido com Dani. – Tudo bem ele havia me perdido no meio da conversa. – Como eu falei, princesa, Dani logo soube quem eu era e como um cachorro farejador, descobriu onde eu tinha meu ponto de venda de drogas dentro da faculdade - sim eu também tinha que trabalhar para o meu sustento. Não podia me drogar, mas tinha que vender. Ele queria acabar com as drogas, seu irmão era um quadrado nesse aspecto.

- Isso você pode ter certeza. – Falei, lembrando que Dani nem ao menos bebia um único gole de cerveja quando íamos para as festas.

- Seu irmão logo me convenceu a parar de trabalhar para o tráfico. – Benjamin falou, sentando-se ao meu lado. – Claro que, no começo, eu o mandei pastar, mas ele sempre voltava. Quando ele foi até minha casa, falar com minha mãe, eu dei um soco nele, mas depois dessa parei de vender, não consegui ver o desapontamento nos olhos de Dona Silvia, foi quando o meu papel se inverteu de traficante para informante, meio informante. Eu e Dani começamos a pegar informações do tráfico para encerrar as atividades, sabíamos que era perigoso e Dani acabou trombando em uma coisa um pouco, não, muito ruim. Ele achou documentos provando que grandes nomes da política e empresários estavam ligados ao tráfico, ele fez cópias dos documentos...

- Como ele achou isso? – Perguntei.

- Muito simples, todos os nomes que iam parar naquela lista tinham um único advogado...

Senti meu coração parar por quase um minuto inteiro.

- Não, meu pai jamais...

- É o trabalho dele, mas claro que ele ganhava uma boa quantia...

- Não, é mentira, meu pai nunca se submeteria a ganhar dinheiro sujo. –

Contestei Benjamin.

- Sei que é difícil de acreditar, mas...

- Não, é mentira! – Gritei, furiosa.

- Dani não morreu por sua causa, morreu por causa do seu pai.

- Saía! – Gritei furiosa.

- Antonella, se não acredita em mim, apenas pergunte ao seu pai onde está o vídeo de segurança, ele com certeza o guardou - eu me aproximei para tentar achar...

- Saía! – Esbravejei e dessa vez uma enfermeira entrou no meu quarto expulsando esse homem alto, que agora me parecia um estranho - ele me olhou cheio de tristeza e pesar.

- Sinto muito, princesa, não queria te decepcionar. Eu realmente te amo.

Não respondi, apenas deixei que a enfermeira o expulsasse, enquanto lágrimas começavam a escorrer. Não era possível meu pai ter envolvimento no tráfico, muito menos com a morte do meu irmão, ele não faria tal coisa, não tinha como. Ele não deixaria que eu me sentisse tão culpada, se eu não fosse a verdadeira culpada, não é? Ele não deixaria minha mãe me odiar...

Que merda! De onde havia saído aquela teoria da conspiração? Meu pai não podia estar envolvido em tudo aquilo, Dani não se envolveria com tudo aquilo e Benjamin não podia simplesmente conhecer Dani, nada fazia sentido, mas a foto no celular do meu pai, do meu pai com o homem que atirou em mim, podia me comprovar que tinha um pouco de verdade nas palavras de Benjamin, algo que eu não queria acreditar.

Nada mais fazia sentido.

As lágrimas não paravam de escorrer. Eu precisava sair daquele lugar, precisava de algo para fugir dali. Comecei a me levantar e tentar tirar a agulha da minha veia, o que não era tão simples como os filmes demonstravam ser, afinal, médicos da vida real não querem pacientes tirando os medicamentos sem mais nem menos.

- O que a senhorita está fazendo? – A enfermeira perguntou, quando voltou a entrar no meu quarto para verificar se eu estava bem e me viu tentando levantar.

- Me dando alta. – Falei.

- Não pode, ainda não tem autorização médica.

- Eu sei o que aconteceu e não tenho nenhuma lesão muito grave....

Meu corpo inteiro estava zozinho quando tentei dar alguns passos e a jovem enfermeira me segurou e voltou a me deitar na cama, tentei me soltar de seus braços, mas aquela mulher era forte e antes que eu tentasse fugir novamente, a enfermeira chamou uma ajudante, que injetou um tranquilizante na porcaria do meu soro. Me vi novamente dormindo. Merda.

Capítulo 7

Passei a semana inteira no hospital, calada, não falava com minha mãe, muito menos com meu pai, era muita informação para absorver e mesmo sem querer acreditar, no fundo, ainda tinha um pouco de dúvida - a foto do meu pai, junto ao homem que atirou em mim era a minha maior dúvida.

Finalmente, quando recebi alta, junto com alguns analgésicos e com as palavras de todos, 'você teve sorte', ressoando até a saída do hospital, não fiquei muito feliz. Perguntava a mim mesma o que eu tinha que fazer. Meus pais me acompanharam até em casa e logo saíram, sabendo que eu não iria falar com nenhum dos dois - provei isso a semana inteira. Ignorei as críticas da minha mãe e as palavras carinhosas do meu pai. Pensei várias vezes em ligar para Benjamin, mas não tive coragem, não tinha como toda aquela história ser verdade, meu pai conectado ao tráfico de drogas do Rio de Janeiro e à morte do meu irmão. Meu pai sempre foi um homem correto.

Foi quando lembrei. Benjamin falou de uma câmera de segurança, talvez se eu a achasse, isso fosse a prova de que ele estaria falando a verdade e se eu não a encontrasse, isso provaria que ele estaria mentindo, mas o que eu queria que fosse verdade? Claro que eu não queria que meu pai estivesse envolvido com os traficantes do Rio, mas por algum motivo louco dentro de mim, não queria acreditar que Benjamin fosse mentir para mim.

Aproveitando que meu pai e minha mãe tinham ido trabalhar, apenas para não ficar comigo, fui ao escritório do meu pai, em casa - se fosse algo realmente importante meu pai colocaria no escritório.

Comecei a revirar o escritório de cima a baixo, entrei em seu computador, com a senha que ficava sempre no seu pequeno caderno, na gaveta da sua escrivaninha - esta tinha outra senha para entrar, mas era uma senha simples, as senhas sempre foram os anos do nascimento de meu irmão e o meu, de forma desorganizada. Meu pai nunca achou que alguém soubesse, mas era fácil de entrar na cabeça do meu pai: seu carro tinha a placa com o ano da entrada na faculdade, do meu irmão. Meu pai sempre fora apegado aos filhos, então não conseguia imaginar que, um pai como ele, tivesse algo que ajudasse a pegar o filho da mãe que matou o filho e não mandasse essa prova para a polícia ou até mesmo para a mídia. Ele tinha contatos, mas nunca quis fazer da morte do filho um circo. O que, agora, para mim, parecia suspeito.

Droga, não podia simplesmente desconfiar de meu próprio pai.

Acessei o computador e com a ajuda do caderno de senhas, comecei a acessar quaisquer informações 'confidenciais' que ele tinha escondido. Não demorou muito para eu ver a entrada e saída de dinheiro, que não fazia qualquer sentido, sem contar os documentos de todos os clientes do meu pai e os valores que ele tinha pagado para policiais e até juízes, para fazer vista grossa. Era um esquema enorme. Em nenhum dos casos meu pai foi um 'advogado'. Tudo era uma grande fraude.

Meu pai estava envolvido até o pescoço para livrar bandidos de qualquer maneira possível da cadeia, pelo menos os grandes líderes. Mas eu não podia perder o foco, tinha que achar a câmera de segurança, mas ao procurar nos vídeos, esbarrei em outra coisa, uma ficha de Benjamin, mostrando que, quando ele tinha dezenove anos, meu pai 'livrou' a cara dele de assassinato. Segundo o 'relatório' do meu pai, Benjamin tinha toda a prioridade para se salvar da cadeia.

- O que você está fazendo? – Levei um susto quando vi minha mãe parada na frente do escritório do meu pai.

- Nada.

- Antonella.

- O que mãe?

- O que aquele garoto te disse que te deixou desse jeito? – Minha mãe perguntou.

- Me deixou como, mãe?

- Ainda mais relutante.... – Ela escolhia as palavras com cautela.

- Me responde uma coisa, você sabia?

- Sabia do quê?

- Do envolvimento de papai com o tráfico?

- Se eu sei que seu pai adora defender bandido, sim. – Ela respondeu, com frieza.

- Não, estou perguntando se você sabia o que ele fazia para defender bandido?

Minha mãe me encarava com estranheza e foi naquele leve olhar que eu me lembrei de algo. Quando estávamos saindo para o velório de Dani, encontrei papai no quarto de Dani - naquele dia, pensei que ele estivesse apenas lamentando a morte do filho, mas e se ele não estivesse.

Saí correndo do escritório e fui ao quarto do meu irmão e, ignorando os protestos da minha mãe, comecei a procurar por algo que eu não sabia o que era.

- O que você está fazendo?! – Minha mãe parecia furiosa por eu estar desarrumando o quarto do meu irmão. – Pare! – Minha mãe me segurou e começou a lutar comigo e foi quando eu tropecei, bati meu pé em algo que deveria ser um vão entre o chão e o criado mudo, e senti algo no chão.

Soltei-me da minha mãe, que acabou caindo na cama, e mesmo com dor no meu pé, peguei uma pequena caixinha preta, fechada com um cadeado de senha. Sem paciência de tentar adivinhar a senha, fui para a garagem, com minha mãe me seguindo a todo momento, e peguei a caixa de ferramentas, voltei ao quarto do meu irmão e arbentei o cadeado com um enorme alicate - dentro da pequena caixa preta estava um pendrive.

Voltei ao escritório do meu pai e quando acessei o conteúdo, era um pequeno vídeo de segurança, mostrando o meu carro e a moto na minha frente. O passageiro era grande e alto, eu já o tinha visto, definitivamente era o mesmo homem que havia atirado em mim, meu pai reconheceu o homem que atirou no seu filho e o protegeu, disso eu tinha certeza.

- O que é isso? – Minha mãe perguntou.

- Papai sabe quem atirou em Dani...

- O que vocês estão fazendo?! – Meu pai chegou, completamente chocado.

- Quem atirou em Dani foi Balinha. – Acusei meu pai e seu rosto ficou pálido.

- Não sei...

- Por que o está defendendo?! – Gritei, furiosa, jogando todos os retratos e prêmios que ele tinha na mesa, no chão.

- Antonella, você enlouqueceu?

- Sim, enlouqueci, depois de ver o assassino do meu irmão em uma festa com o meu pai!

Meu pai ficou quieto e minha mãe o encarou, em choque.

- Do que está falando? – Minha mãe me perguntou.

- Eu não queria acreditar que você teria o vídeo e defendesse o bandido que matou seu filho e que depois atirou em mim!

- Estava apenas fazendo meu trabalho...

- Defendendo o assassino de seu filho?! – Perguntei, transtornada. – E o seu trabalho como pai? Cadê?

- Se eu fosse para a polícia, eles matariam você e a sua mãe também....

E se Dani não tivesse tentando dar uma de herói?

- Antes a culpa era minha, agora é de seu filho morto? – Perguntei, em choque. – A culpa é sua que Dani morreu!

- O que você quer dizer Antonella? – Minha mãe interveio na conversa.

- Dani não morreu porque resisti a um assalto, ele morreu porque estava começando a achar a verdade entre papai e os bandidos e todos os esquemas que eles faziam por tráfico... – Concluí e minha mãe ficou paralisada.

- Você envolveu seu filho com...? Filho da mãe! – Minha mãe gritou furiosa, disparando socos em meu pai.

- E o que você esperava que eu fizesse, Vera?! Pensei que ele soubesse lidar, mas ele resolveu me acusar, me chamar de bandido! Não podia deixar que ele colocasse toda a família em risco, tentei persuadi-lo, mas...

- Vá a merda! – Gritei. - Você matou seu próprio filho!

- Eles não quiseram me ouvir. – Meu pai tentou se justificar. – Os dois, nunca pensei que eles fosse matá-lo, guardei o vídeo para ter uma vantagem...

- Cale a boca, Marcos. – Minha mãe falou. – Assassino, covarde, você é um monstro!

Enquanto meus pais brigavam, resolvi pegar dois pendrives e logo comecei a fazer duas cópias de todas as informações do computador do meu pai e passar para os pendrives - ele tentou me impedir, mas dessa vez minha mãe me defendeu, colocando-se na minha frente.

- Encoste nela e você vai ser o primeiro a ir para a cadeia. – Minha mãe ameaçou.

Não falei mais nada, apenas peguei os dados e saí. Tudo aquilo havia passado do limite da loucura. Chamei um táxi e liguei para Benjamin. Naquele momento, depois de todos os documentos que eu vi, ele era o único em quem eu podia confiar, afinal ele havia me mostrado a verdade.

- Princesa... – Ele pareceu feliz em ouvir minha voz.

- Temos que nos encontrar. – Falei, sem dar muitas explicações.

- Estou ficando em um hotelzinho à beira de estrada.

- Onde?

Benjamin me mandou o endereço em uma mensagem de texto e fiquei surpresa ao ver que era quase no limite do Rio de Janeiro para outro estado, ele havia desaparecido do Rio. Provavelmente, porque todo o morro estaria atrás dele se ele tivesse entrado na lista.

Exigi que o taxista me levasse para o lugar e vi o pequeno hotel de beira de estrada. Quando entrei na recepção, vi Benjamin sentado no sofá velho ao lado do balcão. Ele conseguia ficar bonito até em um lugar horrível como aquele. Não podia negar que meu coração batia forte toda vez que eu o via.

Estava furiosa, triste e irritada com ele. Ele não havia me falado nenhuma verdade a seu respeito. A única verdade que ele me deu, foi a dura realidade do que minha família era.

- Você tinha razão. – Falei, com frieza, me aproximando dele. – Meu pai é um canalha.

- Princesa, eu sinto muito. – Ele falou, levantando-se e me abraçando, não resisti e o abracei de volta. Não conseguia ser fria com ele. Benjamin sempre conseguia quebrar minha resistência, bastava apenas um sorriso, um abraço, um beijo.

- Benjamin.... – Chamei-o, mas não consegui falar o que tinha para falar quando ele me olhou com seus belos olhos verdes, cheios de ternura e amor. – Você se aproximou do meu pai por isso, não é?

Tirei do bolso um dos pendrives e o entreguei a Benjamin que me encarou com estranheza.

- Todas as informações da empresa do meu pai.

- Como, nem Dani conseguiu...

- Dani não conhecia meu pai como eu. – Respondi, com um sorriso amargo. – Você pode fazer o que bem entender com essas informações...

- Princesa, você é maravilhosa. – Ouvir isso não ajudava muito, mas era bom e vi que Benjamin se aproximava de mim, senti seu nariz aos poucos roçar nos meus e em seguida nos beijamos, não sabia como ele sempre conseguia me acalmar. Queria questioná-lo, sobre a ficha que vi sobre ele no computador do meu pai, mas não consegui, acabei cedendo e, mesmo nesse hotelzinho horrível, acompanhei Benjamin até um dos quartos. Queria ter um pouco de conforto depois da noite que eu tive.

- Sua mãe? – Perguntei, enquanto ele começava a tirar minha blusa.

- Está em outro quarto.

- E você como vai ficar?

- Não se preocupe....

Deixei que ele voltasse a me beijar, até finalmente me levar para a cama. Não me importei com o que iria acontecer no dia seguinte, ou no segundo seguinte, aproveitava cada beijo que Benjamin me dava, cada carícia e cada abraço. Naquele momento, naquele segundo, eu estava feliz e satisfeita, sem precisar pensar no meu irmão, na minha mãe e, principalmente, no meu pai. Com Benjamin, eu estava simplesmente completa.

Acordei no dia seguinte, com Benjamin ao meu lado - ele dormia profundamente, com o rosto tranquilo. Sorri para ele e, com cuidado, dei um beijo na bochecha. Sabia que não poderíamos ficar juntos. Não iria conseguir superar o fato de tê-lo visto na lista, sem contar que se continuássemos juntos, ele ficaria mais vulnerável para ser morto pelo chefe do morro.

Com cuidado, me desvencilhei de seus braços e em silêncio coloquei minhas roupas, escrevendo um pequeno bilhete.

‘Não me procure, te amo’.

Deixei, junto com o bilhete, um dos cartões de crédito da conta do meu pai, com a senha, era o mínimo que podia fazer por ele, agora que ele estava sendo perseguido. Por fim, saí do quarto, pé ante pé e me deparei com dona Sílvia, que me olhava.

- Vai deixá-lo, menina?

- Ele é um bom homem. – Respondi.

- Você é uma boa mulher. Obrigada por salvá-lo.

- Cuide dele. – Falei, dando um pequeno beijo na bochecha de dona Sílvia, que me abraçou. – E se cuide, tenho certeza que vocês ficarão bem.

Paguei a conta para os dois, saí do pequeno hotel, e tomei meu rumo - não sabia para onde eu iria, mas não era de volta para o Rio. Se eu tinha certeza de uma coisa, era de que eu jamais colocaria meus pés novamente no Rio de Janeiro.